



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA  
NATUREZA

ADRIANA DO NASCIMENTO SANTOS

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO/DO CAMPO NA SUA RELAÇÃO COM A  
*AGRI CVLTVRA* DO PERÍODO ARCAICO (SÉC. I e II a.C.)

Tramandaí

2020

ADRIANA DO NASCIMENTO SANTOS

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO/DO CAMPO NA SUA RELAÇÃO COM A  
*AGRI CVLTVRA* DO PERÍODO ARCAICO (SEC. I e II a.C.)

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do Curso de **Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Campus Litoral Norte, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Suelen Assunção Santos.

Tramandaí

2020

### CIP - Catalogação na Publicação

do Nascimento Santos, Adriana  
A constituição do sujeito no/do campo na sua  
relação com a AGRI CVLTVRA do período arcaico (séc. I  
e II a.C.) / Adriana do Nascimento Santos. -- 2020.  
70 f.  
Orientadora: Suelen Assunção Santos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus  
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,  
Tramandaí, BR-RS, 2020.

1. Agricultura. 2. Tecnologias do Eu. 3.  
Constituição dos Sujeitos . 4. Pós-estruturalismo . I.  
Assunção Santos, Suelen, orient. II. Título.

ADRIANA DO NASCIMENTO SANTOS

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO/DO CAMPO NA SUA RELAÇÃO COM A  
*AGRI CVLTVRA* DO PERÍODO ARCAICO (SEC. I e II a.C.)

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do Curso de **Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Campus Litoral Norte, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Suelen Assunção Santos.

Data de aprovação: 19 de novembro de 2020

Banca examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Glavam Duarte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jaqueline Mallmann Haas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## **DEDICATÓRIA**

*À minha família.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pelas oportunidades de Ensino, Pesquisa e Extensão; ao Curso de Educação do campo – Ciências da Natureza/Litoral Norte por ter sido uma oportunidade tão linda de formação, enquanto estudante e professora; ao Geemco pelas possibilidades de pensamento que me apresentou e me apresenta a cada encontro e a cada leitura; a todos os professores e professoras que compartilharam comigo seus conhecimentos e seus modos de ser docente; à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suelen Assunção Santos por acreditar no meu potencial, pelas muitas vezes que comemorou as etapas de minha formação acadêmica e por tudo que me ensinou enquanto professora e orientadora, me faltam palavras para agradecer; aos e às colegas de curso, que a seus modos me acompanharam nessa jornada, e, em especial, à minha grande amiga Juliana, que esteve ao meu lado nos momentos de dificuldade, de crescimento e de felicidade; à minha família, por tanto me apoiar e me amar, em especial a meu Pai, André, que me levou até a universidade durante os quatro anos de curso, e onde mais fosse preciso, que me ajudou na construção dos trabalhos e que é um exemplo de pessoa para mim; à minha Mãe, Teresinha, que sempre compreendeu meu sonho de estudar, que sempre está disposta a ajudar e que representa muito em minha vida; à minha irmã Andreza, por todo o seu apoio desde o começo dessa trajetória; à minha irmã Andreia, por ouvir, por falar, por ler e contribuir e por inspirar a minha trajetória acadêmica por meio da sua; à minha irmã Luiza, por sua alegria e amor; às minhas primas Thaís, Lidiane, Carla e Patrícia e ao meu primo Gustavo, que tanto me orgulham e me inspiram, agradeço pela nossa conexão, por todo o carinho, por todas as risadas e por toda a energia positiva; agradeço imensamente, às minhas avós e ao meu avô, Maria, Erenita e Fernando, que mesmo em memória são exemplos de coragem e fontes de inspiração; ao meu avô Antônio, que durante esses quatro anos me acompanhou com seus versos e histórias e por ser inspiração em minha vida; agradeço aos demais familiares por compartilharem suas existências comigo e por tudo que vivemos juntos ao longo desta caminhada; agradeço à minha querida amiga Jackeline, por todas as vezes que me escutou, me apoiou e vibrou com as minhas conquistas; à Jullia Trevisan, jovem artista, por ilustrar o que me faltam palavras para expressar e por aceitar compartilhar suas obras de arte no decorrer desse trabalho; à banca examinadora, composta por duas grandes professoras. Claudia, por compartilhar sua força de pensamento a partir daquilo que lhe atravessa e, muito inspiradoramente, sua paixão e entusiasmo por Foucault. Jaqueline, por ter me apresentado a Agroecologia, tema pelo qual sou apaixonada, e por ter acompanhado toda a minha trajetória até aqui. Agradeço imensamente!

[...] Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem. (SARAMAGO, 1995, p. 310).



## RESUMO

O presente trabalho tem como tema a constituição do sujeito no/do campo na sua relação com a agricultura do período arcaico (séc. I e II a.C.). Buscou-se analisar como se constituem as Tecnologias do Eu, mediante a relação dos sujeitos com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.), de modo a elucidar os discursos e mecanismos operantes nesse processo. A pesquisa que tem como lente teórica a perspectiva pós-estruturalista, inspira-se nas teorizações foucaultianas para realizar a análise discursiva do material empírico, composto pelas obras “A Hermenêutica do Sujeito” de Michel Foucault e o “Da Agricultura” de Marco Pórcio Catão, a partir dos conceitos de Arquivo, Discurso, Sujeito e Tecnologias do Eu. Como suporte teórico, a pesquisa embasou-se em autores e autoras que abordam sobre a constituição do sujeito e sobre o conceito de Tecnologias do Eu. A partir de um olhar reflexivo, discorreram-se as análises dos arquivos que compuseram o material empírico dessa pesquisa, despertando, assim, alguns ecos acerca das Tecnologias do Eu que atravessam a constituição do sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.). O primeiro é acerca das práticas de si que se realizam especificamente no contato direto com o campo. O segundo eco que marca a análise da pesquisa se dá a partir da carta de Marco Aurélio à Frontão, que nos remete à prática de si que busca na vida agrícola uma referência ético-político, tendo como modelo os arquivos de Catão. Compreende-se, mediante as discussões, que o sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* arcaica (séc. I e II a.C.) é constituído no interior do discurso na medida em que sua subjetividade é atravessada pelas Tecnologias do Eu que visam o cuidado de si, a partir das práticas (*àskesis*) que se exercem no campo. Tais práticas têm Catão como modelo de agricultor, este que defende os valores morais e éticos da cultura *mos maiorum*, correspondente à sociedade de Roma antiga, em seus escritos e prescrições.

**Palavras-chave:** Agricultura. Agricultura arcaica. Constituição do sujeito. Tecnologias do Eu.

## ABSTRACT

The theme of this work is the constitution of the subject in/from the countryside and their relationship with the agriculture of the archaic period (Centuries I and II b.C.). We aimed to analyze how the Technologies of the Self are constituted, considering the relationship of the subjects with the *AGRI CVLTVRA* of the archaic period (Centuries I and II b.C.), in order to elucidate the operating discourses and mechanisms in this process. The theoretical scope of this research is the post-structuralist perspective, inspired by Foucauldian theorizations, aiming to carry out a discursive analysis of the empirical material composed by the works “The Hermeneutics of the Subject” by Michel Foucault and “On Agriculture” by Marcus Porcius Cato. Our analysis will be based on the concepts of Archive, Discourse, Subject e Technologies of the Self. The theoretical support of our research is based on authors that discuss the constitution of the subject and the concept of Technologies of the Self. From a reflective outlook, archives that composed the empirical material of this research were analyzed, awakening, therefore, some echoes concerning Technologies of the Self that transverse the constitution of the subject in/from the countryside who is related to the archaic period of *AGRI CVLTVRA* (Centuries I and II b.C.). The first echo concerns practices of self that are carried out specifically in direct contact with the land. The second echo to be highlighted in the research analysis comes from the letter from Marcus Aurelius to Fronto, which discusses the practice of self that searches for an ethical-political reference in agricultural life, modelled on the archives of Cato. It is understandable, through the aforementioned discussions, that the subject related to the archaic *AGRI CVLTVRA* (Centuries I and II b.C.) is constituted within the discourse insofar as their subjectivity is transversed by Technologies of Self that aim for the self-care, stemming from practices (*àskesis*) that are carried out in the countryside. Such practices take Cato as a model agriculturist, who defends the moral and ethical values of the *mos maiorum* culture, corresponding to ancient Roman society, in their writings and prescriptions.

**Keywords:** Agriculture. Archaic agriculture. Constitution of subject. Technologies of the Self.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

As obras de arte apresentadas no decorrer deste trabalho são de autoria da artista Jullia Silveira Trevisan e foram criadas especificamente para compor esta pesquisa.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese Esquemática do Capítulo I.....	18
Tabela 2 – Síntese Esquemática do Capítulo II.....	27
Tabela 3 – Síntese Esquemática do Capítulo II – Parte 2.....	28
Tabela 4 – Síntese Esquemática do Capítulo III.....	39
Tabela 5 – Síntese Esquemática do Capítulo IV.....	47
Tabela 6 – Síntese Esquemática do Capítulo V.....	63
Tabela 7 – Síntese Esquemática das Considerações Finais.....	66

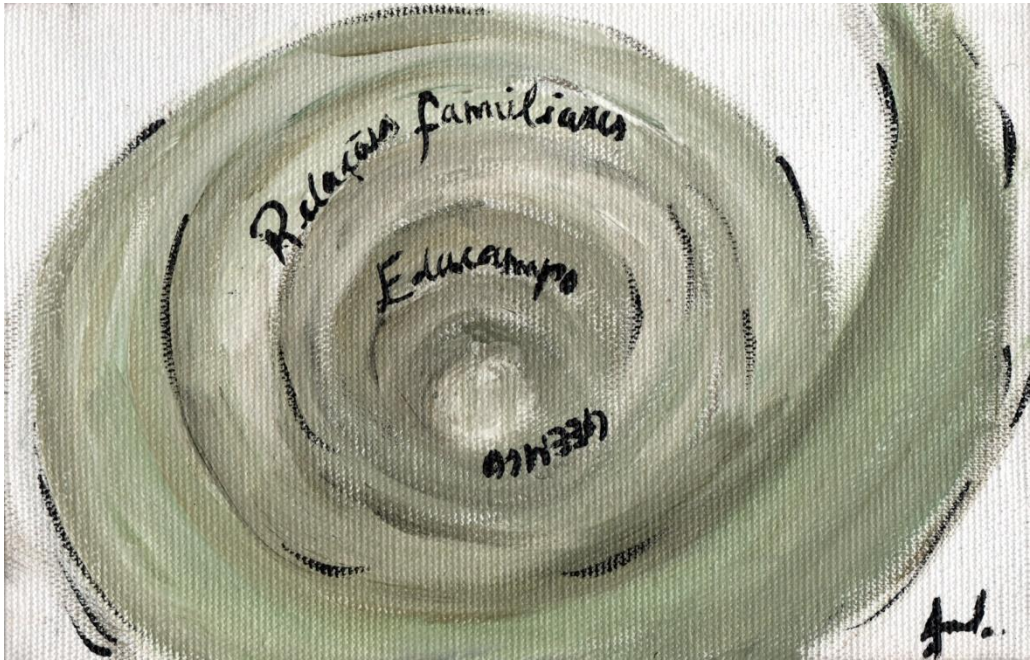
## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a. C	Antes de Cristo.
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Educampo	Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza.
Geemco	Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade.
LUME	Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
MST	Movimento dos Trabalhadores sem Terra.
PPGEC	Programa de pós-graduação em Educação em Ciências.
RS	Rio Grande do Sul.
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA: DITOS SOBRE AGRICULTURA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....</b>	<b>20</b>
<b>3 ENTRE ARQUIVOS: DIÁLOGOS TEÓRICOS SOBRE SUJEITO, DISCURSO E SUBJETIVAÇÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Tecnologias do Eu – Uma Lente Teórica Como Aporte Metodológico.....</b>	<b>36</b>
<b>4 ENTRECruZAR DE POSSIBILIDADES: UMA INSPIRAÇÃO ARQUEGENEALÓGICA PARA PENSAR O ARQUIVO.....</b>	<b>41</b>
<b>5 A PROBLEMATIZAÇÃO DEFRENTE AO ARQUIVO: INTERPRETAÇÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO/DO CAMPO QUE SE RELACIONA COM A <i>AGRI CVLTVRA</i> .....</b>	<b>49</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>







## 1 INTRODUÇÃO

Em todas as justificativas que compuseram os trabalhos do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Educampo), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Campus Litoral Norte), me refiro às minhas relações familiares, como um ponto de grande importância e valor emocional, que manifesta-se constantemente em minha trajetória acadêmica.

Levo comigo a coragem, talvez indescritível, das minhas avós e dos meus avôs, que viveram, trabalharam, constituíram suas famílias e sustentaram suas filhas e seus filhos no campo, desenvolvendo as práticas da agricultura. E me inspiro em meu pai e minha mãe, que vivenciando tais relações no campo, além de tudo que representam em minha vida, me ensinaram os seus modos de ser e os seus conhecimentos.

No decorrer da formação acadêmica, muitas experiências e perspectivas são apresentadas, porém, são apenas algumas que nos tocam profundamente, por meio de inúmeras significações, a ponto de nos fazer pensar o nunca pensado antes. Minha formação, enquanto estudante e enquanto sujeito, é engrandecida após a minha entrada no Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade (Geemco), do Programa de pós-graduação em Educação em Ciências (PPGEC/UFRGS), que se dedica aos estudos da perspectiva pós-estruturalista. Tais estudos possibilitam, acima de tudo, novos olhares, novas críticas e novos caminhos para se (re)pensar as verdades e as estruturas nas quais estamos inseridos. Compreendo essas relações como parte de quem sou e por isso a tela de representação desse capítulo às ilustra e é intitulada como “Encontros e relações”<sup>1</sup>.

Após um ano participando do Geemco, durante o estudo da obra de Michel Foucault “A Hermenêutica do Sujeito”<sup>2</sup>, percebeu-se a possibilidade de se relacionar o tema da agricultura ao tema da constituição dos sujeitos, sob a perspectiva pós-estruturalista, quando Foucault cita a obra “Da Agricultura (*DE AGRI CVLTVRA*)<sup>3</sup>” de

---

<sup>1</sup> Obra de arte de Jullia Trevisan (2020).

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito / Michel Foucault: edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<sup>3</sup> Título original do manuscrito.

Marco Pórcio Catão<sup>4</sup>, para elucidar as dinâmicas existentes entre os sujeitos e o campo nos tempos arcaicos, compreendidos como os séculos I e II a.C.

Adotando as obras apontadas – “A hermenêutica do Sujeito” de Foucault, e “Da Agricultura (*DE AGRI CVLTVRA*)” de Catão – como material empírico, construiu-se a problemática desta pesquisa: “De que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.)?”.

Dessa forma, pretende-se analisar como se constituem as Tecnologias do Eu, mediante a relação dos sujeitos com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.), de modo a elucidar os discursos e mecanismos operantes nesse processo. Busca-se também, a partir desse olhar, o aprofundamento necessário para o desenvolvimento de pesquisas futuras, dedicadas a observar a constituição das Tecnologias do Eu, em cenários diversos da agricultura, contribuindo para os estudos dessa temática, sob um olhar pós-estruturalista.

Adiante o trabalho apresenta o capítulo “Revisão de Literatura: Ditos Sobre Agricultura e a Constituição do Sujeito”, no qual se exploram as pesquisas que por intermédio da singularidade de suas discussões e considerações, abordam o tema da agricultura e da constituição dos sujeitos, trazendo assim novas perspectivas para se pensarem os mesmos.

Em seguida há o capítulo “Entre Arquivos: Diálogos Teóricos Sobre Sujeito, Discurso e Subjetivação” no qual são apresentados os diálogos teóricos que, a partir dos arquivos, subsidiam o olhar posto sobre o problema de pesquisa que se investiga.

No capítulo 4 – “Entrecruzar de Possibilidades: Uma Inspiração Arquegenealógica Para Pensar o Arquivo” – são delimitados os conceitos e perspectivas que apresentam um maior panorama de possibilidades para se pensar o problema de pesquisa proposto e, além disso, apresenta-se a maneira como os mesmos estão dispostos metodologicamente para, em seguida, nos debruçarmos sobre os arquivos que compõem o campo empírico delimitado.

Posteriormente, no desafio de colocar diante dos arquivos a problematização primeira dessa pesquisa – de entender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.) –, a partir das perspectivas adotadas, discorrem-se as análises dos arquivos, no capítulo

---

<sup>4</sup> CATÃO, Marco Pórcio. Da Agricultura / Marco Pórcio Catão; tradução, apresentação e notas: Matheus Trevisam. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

denominado “A problematização Defrente ao Arquivo: Interpretações acerca da Constituição do Sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA*”.

Nas considerações finais são dispostas as impressões, as inquietações e rupturas experienciadas pela pesquisa, bem como as problematizações geradas que são compreendidas como férteis de novos olhares, novas pesquisas e pensamentos.

Tabela 1 – Síntese Esquemática do Capítulo I

**OBRA DE REPRESENTAÇÃO***Encontros e relações.*

Obra de Jullia Trevisan (2020).

**JUSTIFICATIVA***Relações Familiares;**Educampo; e**Geemco.***PROBLEMA DE PESQUISA**

*De que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a AGRI CVLTVRA do período arcaico (séc. I e II a.C.)?*

**OBJETIVOS**

*Analisar como se constituem as Tecnologias do Eu, mediante a relação dos sujeitos com a AGRI CVLTVRA do período arcaico, de modo a elucidar os discursos e mecanismos operantes nesse processo. Busca-se, também, a partir desse olhar, o aprofundamento necessário para o desenvolvimento de pesquisas futuras, dedicadas a observar a constituição das Tecnologias do Eu, em cenários diversos da agricultura, contribuindo para os estudos dessa temática, sob um olhar pós-estruturalista.*

Fonte: A autora (2020).



## 2 REVISÃO DE LITERATURA: DITOS SOBRE AGRICULTURA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Entendo que quando um problema de pesquisa é proposto, tal movimento é resultado de um olhar especial para um tema. Nesta pesquisa, meu olhar está direcionado para o tema das Tecnologias do Eu nas relações do sujeito com a agricultura, dando origem ao seguinte problema: “De que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.)?”.

Diferentes problemas abordando este tema já foram criados, resultando em pesquisas cujas discussões e considerações sobre o mesmo são singulares. Dessa forma, nesta revisão de literatura – que tem como representação a tela denominada “Escritos no/do Campo”<sup>5</sup> – são apresentadas algumas dessas pesquisas, a fim de compreender o que já se sabe sobre tema e, então, contribuir com novas discussões.

Para encontrar tais pesquisas, foram feitas buscas no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME) e no catálogo de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), nas áreas das ciências humanas e das ciências agrárias, nas quais se observou uma grande quantidade de pesquisas abordando a agricultura, porém, um pequeno número de pesquisas que relacionam a agricultura com a constituição dos sujeitos. Desse modo, aplicaram-se os filtros conceituais: ética da agricultura, agricultura arcaica, discursos da agroecologia, princípios da agroecologia e desenvolvimento sustentável, pois a agroecologia apresenta características muito específicas em relação à compreensão do sujeito nas suas práticas e discursos.

A partir deste momento, trago algumas das pesquisas consideradas relevantes para o aprofundamento do tema pesquisado (tabela 1), pois as mesmas apresentam discussões e considerações sobre os aspectos sociais, políticos e ideológicos da agricultura, que podem estar associados à constituição dos sujeitos e, também, discorrem sobre os discursos que permeiam a agricultura e que marcam diferentes momentos históricos e a relação dos sujeitos com a mesma.

Início destacando o trabalho de conclusão de curso de Athina Louise Schmitt (2015), intitulado “Agricultura Ecológica para quê (m)?: Estudo de representações

---

<sup>5</sup> Obra de arte de Jullia Trevisan (2020).

sociais sobre a natureza entre agricultores de base ecológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul”, que teve como objetivo principal entender quais representações sociais são destinadas a natureza, entre os agricultores de base ecológica na comunidade do Vale do Taquari, e se as mesmas estão associadas às motivações de se executar uma produção agroalimentar ecológica.

A autora afirma que a natureza é vista de diferentes formas pelas sociedades humanas, nas quais lhes são atribuídos diferentes significados que variam de acordo com os fatores culturais, socioeconômicos e políticos, mas, em comum, são feitas intervenções na natureza, a fim de se garantir a sobrevivência do ser humano.

Para entender quais representações sociais são empregadas à natureza, por parte dos sujeitos da pesquisa, fez-se uso do método de entrevista, de forma a investigar as motivações que levam a execução da agricultura ecológica desenvolvida por eles.

Dentre as motivações apontadas, destaca-se a preocupação com a saúde, que se refere às contaminações por agrotóxicos, ao valor nutricional do alimento orgânico, e, “[...] também, o despertar de uma sensibilidade coletiva em relação à alimentação saudável, uma questão de *natureza ética e social*”. Além disso, se valoriza o cuidado com a natureza, onde se visa a harmonia dos ecossistemas e, conseqüentemente, a qualidade de vida para as gerações futuras.

Percebeu-se uma estreita relação entre a opção pela produção ecológica e valores: além da confiabilidade na origem do alimento, palavras como consciência, ética e responsabilidade foram muitas vezes citadas, indicando que produzir sustentável vai muito além de questões técnicas e econômicas. (SCHMITT, 2015, p. 72)

Outra consideração feita pela autora é de que há entre os agricultores de base ecológica do Vale do Taquari “[...] uma noção de natureza como organismo vivo dotado de valor intrínseco.” (SCHMITT, 2015, p. 70). De forma que tal valor intrínseco, “corresponde à importância dos ‘recursos’ naturais para a humanidade em sua totalidade. Ou seja, seu valor existe dado à importância de seus elementos para a vida humana.” (SCHMITT, 2015, p. 70).

Em outra perspectiva, Camila Midori Moreira (2015), em sua dissertação denominada “Naturezas Fabricadas: uma análise dos sentidos de natureza relacionados à categoria produto orgânico no contexto brasileiro contemporâneo” discorre sobre os sentidos atribuídos à natureza no cenário da produção orgânica, com o intuito de

apreender as diferentes percepções e representações sobre a natureza, a humanidade e seu futuro, pelos atores sociais que compõem as redes de produção e de consumo.

Para isso, Moreira (2015) fez uso da metodologia etnográfica, no qual acompanhou a trajetória das mercadorias orgânicas da Rede Ecovida de Agroecologia<sup>6</sup> no Circuito Sul de Comercialização<sup>7</sup> e, por meio de entrevistas semiestruturadas com os consumidores e produtores, obteve os dados das principais narrativas que justificam o consumo dos alimentos orgânicos comercializados na feira.

Duas narrativas tiveram destaque entre as entrevistas dos agricultores. A primeira narrativa diz respeito ao produto, o qual é associado à qualidade, sendo ele “saudável” devido a não utilização de agrotóxicos em sua produção, e a segunda narrativa se refere ao “consumo engajado” que na pesquisa é compreendido como a resistência aos monopólios das grandes corporações, que têm domínio sobre a produção e a distribuição de alimentos, e tal prática é entendida pelos entrevistados como um potencial de transformação das injustas estruturas sociais e degradantes do meio ambiente.

Os discursos dos agricultores e integrantes da Rede Ecovida, expressavam que:

[...] a agroecologia não se reduzia à agricultura orgânica e, mesmo que os produtos da Rede no âmbito legal fossem denominados por orgânicos, as concepções agroecológicas contemplam preocupações teóricas e ideológicas mais amplas do que as da agricultura orgânica. (MOREIRA, 2015, p. 104)

Tais discursos, apresentados em ambas as pesquisas citadas, demonstram que as práticas da agricultura estão associadas às concepções que a sociedade tem de natureza. Com base neste entendimento, a seguir, trarei três trabalhos que abordam especificamente os discursos da agroecologia, para que os mesmos sejam elucidados e para que vejamos quais as concepções de natureza, ética, ecologia e agricultura são associados às suas práticas.

A primeira pesquisa escolhida para o estudo dos discursos da agroecologia é a dissertação de Jonatta Sousa Paulino (2013), devido ao seu objetivo de “analisar o discurso do movimento agroecológico, enxergando o cenário responsável pela

---

<sup>6</sup> “[...] composta por produtores, comerciantes, técnicos agrícolas, pesquisadores e consumidores organizados em associações, cooperativas e organizações não governamentais, com o objetivo de desenvolver a agroecologia na região sul do Brasil.” (MOREIRA, 2015, p.35).

<sup>7</sup> “[...] Núcleo Mauricio Burmeister do Amaral, divisão regional da Rede Ecovida, que inclui grupos de produtores orgânicos de 21 municípios localizados na região metropolitana de Curitiba e arredores.” (MOREIRA, 2015, p.35).



construção das categorias deste discurso e os seus posicionamentos políticos implícitos”. Tal pesquisa – que recebeu o título de “Modernidade e Ciência: Tensões no discurso agroecológico” – analisa se a ciência exerce influência sobre os discursos da agroecologia ou se a produção textual é embasada apenas pelas evidências empíricas, que advém da vida dos agricultores e das suas tradições.

Embasado nas teorias de Foucault (2000) sobre a análise do discurso, o autor entende que:

As categorias correntemente utilizadas no discurso agroecológico contêm em si um conjunto de relações e objetivos políticos que permitem a sua existência. Em outras palavras, são nessas relações e objetivos que quero penetrar, pois, na construção desse discurso, existe um aparato institucional para o controle, seleção, formatação e reprodução de procedimentos que delimitam a sua identidade e que maquam as relações materiais intrínsecas [...] (PAULINO, 2013, p. 47).

Mediante esta compreensão, suas análises revelam o caráter político dos discursos, tanto dos agricultores quanto dos técnicos e pesquisadores, de forma que as ferramentas de poder dos primeiros é a defesa do campesinato, a detenção das sementes crioulas e a tradição, enquanto os técnicos e pesquisadores obtêm a ciência e a biblioteca, resultando no movimento agroecológico nacional. Também, percebeu-se que as características do discurso agroecológico são encontradas nas discussões sobre a transgenia quando se aponta as perspectivas negativas, no qual a tradição caracteriza a posição dos mais pobres na sociedade.

As categorias do mundo social, o seu modo de percepção legítimo e o seu conhecimento são o que está em jogo nas lutas políticas, luta ao mesmo tempo teórica e prática para a transformação da percepção deste mundo (PAULINO, 2013, p. 117).

A dissertação de Sérgio Botton Barcellos (2010) é a segunda pesquisa que escolhi para abordar o discurso da agroecologia. Além disto, a mesma refere-se às lutas políticas quando propõe analisar como se formou e vem se constituindo o discurso da Agroecologia no Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), junto à sua base social e o seu contexto de atuação e de mobilização política.

O objetivo que permeou a pesquisa foi o de problematizar o contexto e os sentidos do discurso da Agroecológico no MST, dando origem ao título da dissertação: “A formação do discurso da Agroecologia no MST”. A execução da pesquisa se deu com a observação e com a obtenção de relatos e de entrevistas realizadas junto aos

assentados e a assistência técnica do assentamento Santa Rosa, localizado no município de Tupanciretã no Estado do Rio Grande do Sul.

Nas entrevistas realizadas no assentamento foi possível identificar uma grande associação entre a Agroecologia e as pautas políticas relativas à soberania alimentar e as questões da biodiversidade, de forma que os sentidos do discurso da Agroecologia no MST quando são enunciados, “desestabilizam e assim tencionam para a sua ressignificação no interior dos assentamentos, mediante ao cenário atual do meio rural no Brasil.” (BARCELLOS, 2010, p. 83).

[...] o discurso pode ser um meio privilegiado de observação das relações entre a língua e a ideologia, como é também uma forma de mediação, possibilitando que em seu funcionamento se visualizem os mecanismos de produção de sentidos desse material simbólico, bem como a posição que os sujeitos ocupam em um espaço social. (BARCELLOS, 2010, p. 119).

Por fim, conclui o autor que há uma estrutura interdiscursiva da Agroecologia, na medida em que os sujeitos/mediadores formam este processo discursivo, por meio da interação, da disputa e das influências de suas vivências, enquanto sujeito e enquanto grupo social.

A terceira pesquisa que apresento referente aos discursos da agroecologia é o trabalho de conclusão de curso de Sheila Peirot Paz (2017), pois o mesmo, intitulado de “Neo-Rurais Agroecológicos e Desenvolvimento Rural Sustentável em Santo Antônio da Patrulha/RS” foi construído com o objetivo de compreender como o modo de vida agroecológico dos neo-rurais de Santo Antônio da Patrulha influencia o desenvolvimento rural sustentável.

O referencial teórico adotado pela autora traz Caporal (2009), que compreende a agroecologia como uma ciência que busca, por meio da sua abordagem holística, integrar os saberes tradicionais e os saberes científicos, valorizar as crenças e respeitar as relações dos sujeitos com a natureza, a fim de se entender os sistemas complexos dos ecossistemas “[...] o que denota uma atitude mais humanista e ética nas estratégias e práticas de desenvolvimento rural.” (PAZ, 2017, p. 24).

Paz (2017) afirma que o movimento Neo-Rural visa o contato com a natureza e oferece uma tranquilidade não encontrada nas grandes cidades, e concorda com Carneiro (apud, 1998, p. 57), quando o mesmo diz que

Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da

industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. O contato com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade e a natureza são vistos como elementos “purificados” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial.

A coleta de dados, por intermédio de entrevistas semiestruturadas, revelou que para os neo-rurais da comunidade em questão, o contato com a natureza é associado à “qualidade de vida”, ao desapego e à tranquilidade, pois, segundo a autora, “[...] o rural para estes atores sociais vai muito além de quanto a “terra” pode produzir ou gerar.” (PAZ, 2017, p. 42).

Esta pesquisa é importante por apresentar o movimento Neo-Rural que é inspirado nos princípios da Agroecologia e que se constitui com uma estrutura de práticas que se difere das concepções tradicionais de agricultura, entendido então, como uma nova ruralidade, pois os sujeitos migram do meio urbano para o meio rural, a fim de atuarem no desenvolvimento rural e de executarem as práticas agroecológicas, dessa forma, levando em consideração os aspectos sociais e ambientais relacionados ao campo.

Também referente ao movimento Neo-rural, a seguir, discorro sobre a quarta pesquisa que aborda em seu desenvolvimento os discursos da agroecologia, que é o trabalho de conclusão de curso de Clediana Amaral Matzemberger, intitulado “Movimento Neo – Rural em Rolante/RS: novos atores, resgate e troca de saberes.” E que buscou “identificar essas novas formas de ruralidades em uma localidade no município de Rolante/RS”.

Para responder a questão problema, a pesquisa foi realizada em cinco propriedades no município de Rolante/RS, e por meio de entrevistas foram investigadas as principais características dos atores do movimento Neo-Rural e os seus saberes empregados às práticas de manejo, em cada uma das propriedades.


No levantamento de dados, a ética é apontada por uma entrevistada que ao relatar a sua trajetória até o movimento Neo-Rural, conta um pouco das suas vivências junto à aldeia indígena Guarani, dizendo que “[...] isso me tocou muito, porque até então eu não sabia que dava pra viver em comunidade de uma forma mais ética, assim sabe? Com a natureza.”.

As considerações finais de Matzemberger (2019) mostram que são distintas as características dos sujeitos que compõem o movimento Neo-Rural de Rolante/RS,

entretanto, em comum buscam a valorização rural, no que tange os recursos naturais e a responsabilidade ecológica.

Dispostos os dados que compõem esta revisão de literatura, é possível entender quais compreensões se têm sobre o tema da constituição do sujeito, a partir das suas relações com o meio/agricultura, porque foram discutidas as dimensões ideológicas, econômicas e sociais que estão expressas nos discursos e que, conseqüentemente, exercem influência sobre as relações sociais e sobre as práticas desenvolvidas no campo. A partir destas compreensões, esta pesquisa se deterá em entender de que modo a constituição do sujeito se vincula à *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.).

Tabela 2 – Síntese Esquemática do Capítulo II – Parte 1

	<p>OBRA DE REPRESENTAÇÃO</p>
	<p><i>Escritos no/do Campo.</i></p>
	<p>Obra de Jullia Trevisan (2020).</p>
	<p>REVISÃO DE LITERATURA/DISSERTAÇÕES</p>
	<p><i>A formação do discurso da Agroecologia no MST.</i></p>
	<p>Autor: Sérgio Botton Barcellos.</p>
	<p>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro</p>
	<p>(2010).</p>
	<p><i>Modernidade e Ciência: Tensões no discurso agroecológico.</i></p>
	<p>Autor: Jonatta Sousa Paulino.</p>
	<p>Universidade Federal de Campina Grande (2013).</p>
	<p><i>Naturezas Fabricadas: uma análise dos sentidos de natureza relacionados à categoria produto orgânico no contexto brasileiro contemporâneo.</i></p>
	<p>Autora: Camila Midori Moreira.</p>
	<p>Universidade Estadual de Campinas (2015).</p>

Fonte: Catálogo de teses e dissertações da CAPES<sup>8</sup>, 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>

Tabela 3 – Síntese Esquemática do Capítulo II – Parte 2

## REVISÃO DE LITERATURA/TCCs

*Agricultura Ecológica para quê (m)?: Estudo de representações sociais sobre a natureza entre agricultores de base ecológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.*

Autora: Athina Louise Schmitt.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015).



*Movimento Neo – Rural em Rolante/RS: novos atores, resgate e troca de saberes.*

Autora: Clediana Amaral Matzemberger.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019).

*Neo-Rurais Agroecológicos e Desenvolvimento Rural Sustentável em Santo Antônio da Patrulha/RS.*

Autora: Sheila Peirot Paz.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017).

Fonte: Repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – LUME<sup>9</sup>, 2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://lume.ufrgs.br>



### 3 ENTRE ARQUIVOS: DIÁLOGOS TEÓRICOS SOBRE SUJEITO, DISCURSO E SUBJETIVAÇÃO

Ouso associar o termo “arquivo” aos diálogos teóricos que irão compor esta pesquisa, pois o mesmo – sob a perspectiva foucaultiana – carrega consigo significações muito singulares e potentes, de modo que se compreende o arquivo como o conjunto de documentos que perduram épocas distintas e que, por intermédio do discurso, delimitam as estruturas do dizer e da verdade no corte histórico em que está inserido. Nesse sentido, a tela “Possibilidades de pensamento dentre o arquivo”<sup>10</sup> que ilustra esse capítulo é uma representação das possibilidades de pensamento que o arquivo apresenta.

A análise do arquivo é o caminho pelo qual me lanço na busca de compreender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.). Sendo assim, passo a olhar para os documentos e obras que irão compor esse aprofundamento teórico como arquivos. Também posso afirmar que os mesmos me atravessam dado a minha trajetória junto ao Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade (Geemco), de modo que os arquivos sobre os quais nos dedicamos a compreender, muitas vezes apresentam conceitos e discussões potentes de novas problematizações e, conseqüentemente, de novas possibilidades de pensamento.

Na leitura de um dos arquivos de Michel Foucault “A hermenêutica do sujeito” que me foram despertadas as inquietações centrais dessa pesquisa, sendo elas referentes aos modos de reconhecimento dos sujeitos que compõem o cenário da *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.). No referido arquivo, Foucault analisa historicamente as relações entre subjetividade e verdade, por intermédio das práticas associadas aos preceitos de *Epiméleia Heautoû* (Cuidado de si mesmo) e *Gnôthi Seautón* (Conhece-te de ti mesmo), atualmente difundidas na cultura ocidental. Dentre as distintas práticas de si que visavam ligar o sujeito às verdades relatadas por Foucault na antiguidade, emergem preceitos vinculados à agricultura e ao meio ambiente. O estilo de vida de um agricultor da época sofria influência direta de modelos, e Foucault aponta um deles como sendo o descrito no arquivo “Da Agricultura” de Marco Pórcio Catão.

---

<sup>10</sup> Obra de arte de Jullia Trevisan (2020).



Catão escrevera um livro de agricultura que era um livro de economia doméstica, indicando, na época em que foi escrito, qual comportamento devia ter, o que devia ser um proprietário agrícola em Roma, para sua maior prosperidade, para formação ética, ao mesmo tempo, para o maior bem da cidade. (FOUCAULT, 2006, p. 145).

Posto isso, a seguir apresento os arquivos que me dão base para investigar tal inquietação, de buscar compreender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.).

Uma das principais noções que permeiam a perspectiva pós-estruturalista, e que considero fundamental para entender o engendrar dessa pesquisa, é a noção de sujeito para Michel Foucault.

Veiga-Neto (2014) afirma que Foucault não partia da ideia iluminista de que o sujeito é uma “entidade pré-existente ao mundo social” (p. 131), como na interpretação de Kant e Piaget sobre o sujeito de conhecimento, na qual “[...] como humanos, já seríamos sujeitos dotados de uma natureza comum, que consiste na capacidade intrínseca de aprendermos [...]” (p.133), ou para a filosofia da consciência que, segundo Veiga-Neto (2014, p. 134) embasado nos estudos de Popkewitz (1994, p. 181), entende a racionalidade ou o reconhecimento de controvérsias sociais e epistemológicas, como os meios pelos quais o sujeito pode alcançar o progresso.

Em ambos os exemplos apontados por Veiga-Neto (2014), o autor demonstra que a Educação assume a responsabilidade por fazer o sujeito emergir. O que se faz necessário porque, para o iluminismo, o sujeito já está dado desde o seu princípio, porém, o mesmo é manipulado pela sociedade, pela cultura, pela política, pela economia, pela educação, entre outros. Sendo assim, o sujeito iluminista só conquista a sua soberania por intermédio da educação, pois se torna capaz de se libertar das “representações distorcidas, cujo objetivo seria, justamente, fazer o sujeito acreditar que a opressão, a exclusão e a incapacitação são naturais ou designíofos divinos, e não algo construído socialmente.” (p. 135).

O sujeito é concebido por Foucault não enquanto uma substância, antes uma forma, porém essa forma deve ser pensada enquanto uma variável, um contorno flutuante, sempre remodelado a partir das forças que entram em jogo com as linhas dessa forma-Homem. (MIRANDA, 2014, p. 20).

Segundo Miranda (2014, p.20), ao abandonar a ideia de que o sujeito é dado pré-existente, Foucault se dedica a compreender os jogos, os mecanismos, as tensões, bem como as regras que alicerçam a produção de verdades. Tais regras estão arraigadas aos

discursos e aos dispositivos, de forma que a mudança nas mesmas é responsável pela institucionalização ou a desinstitucionalização de verdades.

Nesse sentido, Santos (2009) diz que:

Tornar-se sujeito significa, portanto, ser produzido ou fabricado por redes discursivas, por jogos de verdade. Tornar-se sujeito de determinadas ideias e ideais significa ser fabricado em meio a relações de poder, ser seduzido sutilmente. (p. 27).

Além disso, a autora nos põe a pensar sobre a constituição dos sujeitos – mediante a sua relação com as redes discursivas e com os jogos de verdade – por intermédio da elucidação do conceito de “jogos de linguagem”, descrito por Wittgenstein, o qual compreende que “A linguagem é um instrumento. Seus conceitos são instrumentos.” (Wittgenstein, 2005, p. 569-570 apud Santos, 2009, p.26). Os discursos dão forma à realidade e ao sujeito, tendo em vista que os jogos de linguagem possibilitam os pensamentos, os quais, segundo Santos (2009) fundamentada nos estudos de Veiga-Neto (2007), são mediados social/cultural/linguisticamente.

Se eu falo ou escrevo sobre o sujeito, é porque existe um discurso anterior a ele que me possibilita identifica-lo; um discurso pelo qual fui interpelada, sendo posicionada em sua ordem, o que me possibilitou posicionar outros sujeitos também em relação à sua ordem. (SANTOS, 2009, p. 26).

Escolho trazer os estudos de Veyne (2009) para este diálogo, pois o autor reafirma o papel do discurso na história da humanidade e para realizar tal movimento, justifica o fato de olharmos para o discurso sem percebermos suas singularidades porque os estereótipos e as universalidades funcionam como uma “ilusão tranquilizante” aos nossos olhos. Pois quando se atinge a “*differentia ultima*”, ou seja, o máximo do discurso, percebe-se o caráter singular e arbitrário dos fenômenos e nos deparamos com a possibilidade de perceber “[...] a constatação de que as coisas humanas são sem fundamento e ainda um cepticismo sobre as ideias gerais [...]” (p. 18).

Em cada época, os contemporâneos encontram-se assim fechados em discursos como aquários falsamente transparentes, ignoram quais são e até que existe um aquário. As falsas generalidades e os discursos variam através do tempo; mas, em cada época, passam por verdadeiros. (VEYNE, 2009, p.19).

Dessa forma, sabemos quais são os entendimentos que Foucault buscava transcender com sua filosofia, e passo a discorrer sobre o seu modo de pensar o sujeito produzido nos jogos do discurso, a partir de um olhar sensível em direção à história.

Em concordância com o que diz Veyne (2009), sobre a verdade discursiva de cada época, Gallo (1995) afirma que a maneira coerente de se ter acesso aos saberes constituintes de uma época específica, no entendimento de Foucault, é por intermédio da busca da *epistèmê*, pois a mesma se revela intrinsecamente na ordem do saber.

Epistèmê não é sinônimo de saber; significa a existência necessária de uma ordem, de um princípio de ordenação histórica dos saberes anterior à ordenação do discurso estabelecida pelos critérios de cientificidade e dela independente. A epistèmê é a ordem específica do saber; é a configuração, a disposição que o saber assume em determinada época e que lhe confere uma positividade enquanto saber. (MACHADO, 1982, p. 148-149 apud GALLO, 1995, p.14)

Gallo (1995) afirma que Foucault parte do pressuposto de que a constituição da epistèmê não se dá por uma trajetória linear e lógica, na qual podemos identificar um princípio e um fim, por isso, o mesmo direciona seus estudos à percepção do panorama de condições que propiciaram a formação do saber de uma determinada época, ou seja, “[...] o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, [...] as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico.” (Foucault, 1985, p. 11-12 apud Gallo, 1995, p.15). Esse olhar meticuloso para os elementos constituintes de um cenário – que quando articulados entre si dão indícios da ordem intrínseca que forma o saber de uma época – é característico do estudo arqueológico desenvolvido por Foucault.

Havendo apenas uma pré-ordenação dos saberes em cada época e cultura, ela abrange logicamente a todos os campos de percepção, tematização e conhecimento de tal cultura; sendo assim, o que é o mundo – isto é, como os homens vêem o mundo – e até mesmo o que é o homem – isto é, como o homem vê-se (ou não) a si mesmo – nessa dada cultura depende única e exclusivamente da epistèmê que serve de fundamento a ela. (GALLO, 1995, p. 16).

De acordo com Gallo (1995), é com a inquietação de entender o fundamento das ciências humanas que Foucault se dedica a arqueologia da epistèmê ocidental <sup>11</sup>. Em seu trabalho, Foucault compreende que ao longo do tempo a cultura ocidental é marcada por momentos diferentes de sua epistèmê.

A “epistèmê clássica” da cultura ocidental, correspondente ao período do século XVI, é característica pela similitude entre as palavras e as coisas, na qual

---

<sup>11</sup> Esse estudo dá origem à obra “As palavras e as coisas”, de Michel Foucault.

[...] o dizer e o nomear assumem uma força esotérica, pois se verbo e matéria estão indissociavelmente unidos pela similitude, a palavra ganha uma força mágica de transformar a realidade. (GALLO, 1995, p. 19).

Gradualmente, a partir século XVII até o século XVIII, percebe-se a delineação de uma nova etapa da epistêmê clássica, a qual estará embasada na semelhança. Dessa forma,

[...] o discurso já não estabelece uma semelhança com as coisas, remetendo para uma identidade entre ambos, mas alça-se como uma representação das coisas, uma maneira de ordená-las e dá-las a conhecer através da análise. A epistêmê clássica é também o fundamento da ciência moderna, esse gigantesco esforço de levar ordem ao mundo [...]. (GALLO, 1995, p. 21).

Faz-se importante afirmar que, segundo Gallo (1995), tais momentos da epistêmê da cultura ocidental foram identificados por Foucault, a partir do estudo das linhas de identidade que são perceptíveis no processo de evolução da epistêmê, mas, principalmente, para se

[...] empreender uma análise arqueológica do próprio saber, (...) é preciso reconstituir o sistema geral de pensamento, cuja rede, em sua positividade, torna possível um jogo de opiniões simultâneas e aparentemente contraditórias. É essa rede que define as condições de possibilidades de um debate ou de um problema, ela é portadora da historicidade do saber. (GALLO, 1995, p. 17 apud FOUCAULT, 1985. p. 90).

E é nesse sentido que, conforme Gallo (1995), Foucault interpreta a constituição da “epistêmê moderna” como um processo de expansão dos ângulos e das problematizações, no qual se dá espaço para a preocupação com a verdade. Gallo (1995) também se utiliza do termo “vontade de verdade”, pensado por Habermas (1986), para explicitar que é nesse momento que o pensamento passa a ter como objeto de estudo o próprio ser humano, ou seja, “pensar o homem” é a divisa da epistêmê moderna, e assim entendemos porque é apenas no campo de saberes por ela delimitado que poderão nascer as ciências humanas.” (GALLO, 1995, p. 24).

Mariguela (1995) expõe que “A ciência é compreendida como um discurso alicerçado num conjunto de regras – técnicas e metodológicas – que delimitam seu campo de estruturação.” (p. 103). E afirma que por intermédio da análise interna dos discursos é que são expostos os regimes de validação e os fundamentos que constituem as verdades.

O exercício filosófico de Foucault, percebendo as estratégias metodológicas que compuseram os discursos – os quais são atravessados pelas relações culturais do

período histórico em que estão inseridos – perpassa espaços como o da loucura, das prisões, da sexualidade, entre outros, expondo “[...] os solos discursivos onde as verdades são instituídas”. (MARIGUELA, 1995, p. 104).

Almeida (1995) apresenta que é em concordância com Nietzsche que Foucault desenvolve seu modo de pensar e exercer a genealogia, entendendo a interpretação como sendo inacabada, de forma que a mesma tem o caráter contínuo de recomeçar, de se superar e de retornar. Retornar significa um ponto de ruptura, no qual o intérprete se vê desaparecer na medida em que as forças que interpretam encontram seu limite, e num movimento paradoxal, diferentes relações de forças embasam novas interpretações, tendo em vista que

[...] interpretar é apoderar-se por violência, ou subreção de um sistema de regras que não tem em si significação essencial, e impor-lhes uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um outro jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. (FOUCAULT, 1984 apud ALMEIDA, 1995, p. 72).

Almeida (1995) afirma também, que Foucault e Nietzsche põem em suspenso as universalidades, deixando a cargo da metafísica as significações que se baseiam na origem, pois compreendem que as palavras são produzidas e impostas por forças que se relacionam. A genealogia – trabalhando diante da violência das palavras, dos seus sentidos e imposições – nada mais é do que “um constante apropriar-se de interpretações que, por sua vez, já se apropriaram uma das outras”. (p. 72).

Se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. (...) O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate. (FOUCAULT, 1984, 17-18 apud ALMEIDA, 1995, p. 73).

Larrosa (1994), ao se debruçar sobre as obras de Foucault, compreende que a relação entre saber e poder descrita pelo filósofo nos revela o conjunto de práticas pelas quais se produz o sujeito. Dessa forma, descreve que

[...] no momento em que se objetivam certos aspectos do humano que se torna possível a manipulação técnica e institucionalizada dos indivíduos. E, inversamente, é no momento em que se desdobra sobre o social um conjunto de práticas institucionalizadas de manipulação dos indivíduos que se torna possível sua objetivação ‘científica’. (LARROSA, p. 16).

Nesse sentido, Larrosa (1994) nos apresenta as peças que constituem a experiência de si. Estas, segundo o autor, dão origem ao “sujeito individual” que mediatizado por práticas e discursos pedagógicos/terapêuticos – com características normativas que orientam à “maturidade”, ao “equilíbrio”, a “auto identidade”, entre outros, – desenvolveria a consciência.

A experiência de si, em suma, pode ser analisada em sua constituição histórica, em sua singularidade e em sua contingência, a partir de uma arqueologia das problematizações e de uma pedagogia das práticas de si. E o que aparece agora como ‘peculiar’, como histórico e contingente, não são já apenas as idéias e os comportamentos, mas o ser mesmo do sujeito, a ontologia mesma do eu ou da pessoa humana na qual nos reconhecemos no que somos. (LARROSA, 1994, p. 8).

O sujeito se constitui na medida em que são transmitidas e aprendidas experiências de si, por intermédio de práticas pedagógicas específicas em cada cultura, ou seja, os integrantes de uma cultura são atravessados por um repertório de modos de experiência de si e estes devem aprender, em alguma das modalidades apresentadas, a ser sujeito. Tais práticas pedagógicas possuem determinados dispositivos que atuam na formação de seus membros como sujeitos, um deles é a educação.

A educação é associada à objetivação, segundo Larrosa (1994), pois exerce práticas disciplinares de normalização bem como de controle social, dando origem – no interior desse conjunto de dispositivos de divisão e classificação entre e no interior dos indivíduos – ao sujeito pedagógico.

O sujeito pedagógico aparece como o resultado da articulação entre, por um lado, os discursos que o nomeiam, no corte histórico analisado por Foucault, discursos pedagógicos que pretendem ser científicos e, por outro lado, as práticas institucionalizadas que o capturam, nesse mesmo período histórico, isto é, aquelas representadas pela escola de massas. (LARROSA, p. 16).

Dado esse panorama, ainda embasada nos escritos de Larrosa (1994), a seguir, direciono meu olhar em direção as Tecnologias do Eu, conceito adotado como platô desta pesquisa, pois o mesmo aborda especificamente sobre as práticas de subjetivação do sujeito.

### **3.1 Tecnologias do Eu – Uma Lente Teórica Como Aporte Metodológico**

A partir da primeira edição de “A história da sexualidade”, Larrosa (1994) identifica um “[...] deslocamento em direção à interioridade do sujeito” (p. 16) nas

pesquisas de Foucault. O primeiro deslocamento é referente a análise da confissão, que revela os mecanismos de objetivação da sexualidade, de modo a orientar o sujeito a encontrar a verdade si de mesmo e a liberdade, em sua própria sexualidade.

[...] a partir de 1978, o binômio saber/poder, já elaborado previamente em termos de "disciplina" e em termos de "biopoder", começa a ser abordado em termos de "governo", E, na perspectiva de Foucault, a questão do "governo" está já desde o princípio fortemente relacionada com a questão do "autogoverno". E esta última questão, por sua vez, está claramente relacionada com o tema da "subjetividade". (LARROSA, 1994, p. 15).

Santos (2009) elucida o caráter relacional do saber/poder quando afirma que sua produção está estritamente associada às práticas de liberdade, ou seja,

“[...] só há *relações* de poder entre sujeitos “livres”; livres para seduzir e serem seduzidos. Por isso a ênfase na relação. Não há poder sem relação, e só há relação na medida em que se pode convencer e negociar com o outro.” (SANTOS, 2009, p. 70).

A problemática do governo, conforme afirma Larrosa (1994), aparece fortemente, a partir de 1979 nos escritos de Foucault, perpassando os campos: político, moral, pedagógico, “pastoral” e econômico.

Larrosa (1994) cita o Curso 79/80 no Collège de France, para demonstrar a relação feita entre “governo”, “autogoverno” e “subjetividade” no campo pastoral, no qual se desenvolve o governo da alma, da consciência e da vida. Segundo o autor, o poder pastoral, só pode ser exercido quando se conhece os pensamentos do indivíduo, quando a alma do indivíduo é explorada/forçada, de modo a demonstrar o que há de mais íntimo no ser do sujeito, ou seja, é preciso conhecer seus segredos.

A partir do segundo e do terceiro volume da obra “A história da Sexualidade”, de acordo com Larrosa (1994), Foucault passa a analisar a construção da relação da pessoa consigo mesma a partir de modalidades distintas, no movimento de olhar para questões como a hermenêutica do eu, a experiência de si, a relação entre o que é proibido e a verdade, entre outros.

O sujeito pedagógico ou, se quisermos, a produção pedagógica do sujeito. Já não é analisada apenas do ponto de vista da “objetivação”, mas também e fundamentalmente do ponto de vista da “subjetivação”. Isto é, do ponto de vista de como as práticas pedagógicas constituem e medeiam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma. Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma

verdade sobre si mesmos que eles devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 1994, p. 18).

Nesse sentido, Larrosa (1994) nos apresenta dois deslocamentos característicos do olhar de Foucault sobre as práticas de experiência de si, o deslocamento pragmático e o deslocamento historicista. O primeiro refere-se à atenção dada especificamente às práticas de subjetivação, ou seja, às práticas pelas quais se produzem e se moldam subjetividades no ser do sujeito.

Na perspectiva de Foucault, a experiência de si se constitui quando um determinado domínio material é focalizado como objeto de atenção. Ou, dito de outro modo, quando determinados estados ou atos do sujeito são tomados como o objeto de alguma consideração prática ou cognoscitiva. Foucault chama isso de "problematização". Entretanto, um domínio material pode ser objeto de diferentes formas de problematização. E, historicamente considerado, um domínio material é tomado como objeto de atenção apenas no interior de alguma modalidade de problematização específica. Desse ponto de vista, as formas de problematização são as que estabelecem como um domínio material está cognoscitivamente e praticamente considerado e, portanto, as que estabelecem a especificidade da experiência de si. (LARROSA, 1994, p. 19).

O segundo deslocamento, sendo ele historicista, refere-se ao olhar genealógico de Foucault sobre tais práticas de subjetivação que atravessam o sujeito. Sob essa perspectiva, segundo Larrosa (1994), Foucault se dedicava à percepção das condições – práticas e históricas – pelas quais o sujeito emerge como resultado das formas de subjetivação que se fundamenta na experiência de si mesmo. Mais especificamente, “[...] é a história das problematizações que constituem as condições de possibilidade, a história dos discursos orientados a articulá-la teoricamente e a história das práticas orientadas para fazer coisas com ela.” (Larrosa, 1994, p. 19).

Dado esse panorama, olhar para “[...] o deslocamento, nos últimos trabalhos de Foucault, em direção à "interioridade" do sujeito [...]” (Larrosa, 1994, p. 20) nos leva à compreensão de que é por intermédio da história das tecnologias que condicionam a experiência de si, que se encontra a história do eu como sujeito, e também da autoconsciência. Além de que tais tecnologias “[...] não podem ser analisadas sem relação com um domínio de saberes e com um conjunto de práticas normativas.”. (Larrosa, 1994, p. 20).

A experiência de si seria, então, a correlação, em um corte espaço-temporal concreto, entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetivação. E é uma correlação desse tipo que se pode encontrar, também, em um corte espaço-temporal particular, na estrutura e no funcionamento de um dispositivo pedagógico. (LARROSA, 1994, p. 20).



Mediante aos vários arquivos sobre sujeito, discurso e subjetividade abordados até aqui, percebe-se a vasta abrangência dos estudos de Foucault sobre a maneira como o sujeito pode ser mediado e produzido no interior dos discursos que o atravessam. De modo a dar seguimento a essa pesquisa, faz-se necessário delimitar quais conceitos e perspectivas, abordadas nestes diálogos teóricos, que nos apresentam um maior panorama de possibilidades para pensar o problema de pesquisa proposto, além disso, precisa-se pensar na maneira como os mesmos podem ser dispostos metodologicamente para, assim, nos debruçarmos sobre os arquivos que se relacionam especificamente com o problema de pesquisa investigado – que consiste em compreender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.). Tais movimentos são realizados no capítulo a seguir.

Tabela 4 – Síntese Esquemática do Capítulo III

	<p><b>OBRA DE REPRESENTAÇÃO</b></p>
	<p><i>Possibilidades de pensamento dentre o arquivo.</i> Obra de Jullia Trevisan (2020).</p>
	<p><b>CONCEITOS</b></p>
	<p><i>Sujeito;</i> <i>Discurso;</i> <i>Tecnologias do Eu; e</i> <i>Subjetividade</i></p>

Fonte: A autora, 2020.



#### 4 ENTRECruZAR DE POSSIBILIDADES: UMA INSPIRAÇÃO ARQUEGENEALÓGICA PARA PENSAR O ARQUIVO

Deparo-me agora com o momento que considero o mais importante e inspirador da pesquisa, pois é no que chamei de entrecruzar de possibilidades que o que quer ser dito encontra os métodos que possibilitam o dizer, em outras palavras, o método de pesquisa é o encontro do anseio da problematização com a ruptura.

A maneira como nos posicionamos diante do entrecruzar de possibilidades, ou seja, a escolha do método, de acordo com Ferraz (2014), está atrelada à nossa subjetividade enquanto sujeito, por isso, escolhemos o método que nos faz sentido seguir. Dessa forma, o autor se embasa nos escritos de Corazza (2007), para afirmar que

[...] se somos escolhidos por uma determinada prática de pesquisa, é porque essa prática é uma linguagem onde somos subjetivados como efeito desta. E isso nos induz a continuar entendendo, classificando, pensando e dizendo, da ‘coisa’ que se investiga, sempre as mesmas coisas, destacando que essa coisa irá responder na mesma linguagem às perguntas que lhe forem dirigidas. (FERRAZ, 2014, p. 55).

Ferraz (2014), ao percorrer o campo da educação e da criação de corpos, com um viés de associação ao dançar, – movimento que a meu ver é de uma grandiosa beleza – coloca que a pesquisa toma forma no decorrer de sua realização, a partir das verdades que nos acompanham e que nos asseguram, mas também no limiar dos desafios, como se estivéssemos a percorrer a trajetória da pesquisa em cima de uma corda que repentinamente pode revelar movimentos inesperados, cabendo a nós a responsabilidade de perceber o potencial de tais instabilidades e dançar com os acontecimentos para, assim, aprender a pesquisar com o que não pode ser previsto, mas que pode ser criado ao longo do pesquisar. Nesse sentido, o autor cita Corazza (2007) para expressar que

Entre uma linguagem e outra (isto é, entre uma prática de pesquisa e outra; ou se se quiser, entre uma metodologia e outra) existem pontos de silêncio, vazios de linguagem, vácuos de ângulos classificatórios, pontos de vista não perspectivados, enunciados ainda a serem articulados. É neste lugar silencioso que reside o diferente, que espera aquilo que não se repete, que mora o que não é costumeiro, que se responde o que se recusa a ser escutado ecolalicamente. Só aqui que é possível produzir abalos; provocar mudanças no que somos capazes de ver e de dizer; dar alegres cambalhotas; radicalizar nossas relações com o poder e o saber; partir as linhas; mudar de orientação; desenhar novas paisagens; promover outras fulgurações. Enfim, *artista*, inventando novos estilos de vida e, portanto, de práticas. (CORAZZA, 2007, p. 122 apud FERRAZ, 2014, p. 56).

Ferraz (2014) complementa, citando Zordan (2014), que diz:

Muito mais do que atingir uma porção do conhecimento do Absoluto ou alcançar a verdade, aprende-se para poder habitar terras estranhas. Aprender é um problema político, pragmático, um modo de conduzir-se em territórios existenciais, a criação de um *ethos* de encontros. Pois são nos encontros que acontecem nessa errante movimentação, inerente a todo o processo de aprendizagem, que nos obrigamos a decifrar os signos. [...] Não se trata de seguir um método, mas de aprender maneiras de decifração de signos e criação de problemas. (ZORDAN, 2014, p. 120 apud FERRAZ, 2014, p. 56).

Nesse momento direciono minha atenção à subjetividade – citada anteriormente – de modo a caracterizar o sentido associado a tal conceito nesse engendrar de possibilidades, pois o mesmo produz reverberações na maneira como olharei para o objeto de análise, posteriormente.

A partir da perspectiva foucaultiana, Ferraz (2014) aborda a subjetividade na sua relação com o corpo, compreendendo este como uma superfície onde se exercem práticas de subjetivação sobre o ser do sujeito, de modo que a existência do ser humano não pode ser dissociada da relação entre subjetividade e o corpo. “O corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, a trajetória para se chegar ao ‘ser’ e também ser prisioneiro deste”. (MENDES, 2006, p. 168 apud FERRAZ, 2014, p.77).

Foucault se dedicou por muito tempo à compreensão do binômio saber-poder e à ética que se elabora no interior do indivíduo, tornando esse um sujeito moral de suas próprias condutas. Por isso, apresentava suas pesquisas

[...] como uma tentativa de reduzir saber a poder, para fazer do saber a máscara do poder, em estruturas nas quais o sujeito não tem seu próprio lugar, só pode ser pura e simples caricatura. (FOUCAULT, 2009, p. 10 apud FOUCAULT, 2018, p. XII).

É nesse sentido que essa pesquisa se vê perpassada por obras de arte<sup>12</sup>, que representam – dentre muitas interpretações possíveis – o encontro entre a subjetividade e a caricatura. A obra que ilustra esse capítulo é intitulada de “Foucault entre arquivos”<sup>13</sup>, de modo a homenagear a perspectiva foucaultiana, a qual marca muito fortemente essa pesquisa.

Pensar pós-estruturalmente na elaboração de pesquisas qualitativas revela, então, possibilidades e limites, como o de entender que “as possíveis

<sup>12</sup> O compartilhamento das telas no decorrer do trabalho é feito com autorização de uso de imagem pela artista (TREVISAN, J. S.).

<sup>13</sup> Obra de arte de Jullia Trevisan (2020).

estruturas passam a ser compreendidas como descentradas e desestruturadas”, em que “a ideia de estrutura é substituída pela ideia de discurso” (apud Lopes, 2013, p. 13). Sem estruturas fixas que fechem de forma definitiva a significação, mas apenas estruturas e reestruturas discursivas, em processos contingenciais em que são questionadas noções como transcendência e universalidade. (OLIVEIRA, 2018, p. 5).

De acordo com Aquino (2018), Foucault buscava no arquivo os elementos que revelam – nas diferentes épocas e sociedades – as estruturas que determinam os limites do dizível, e que demonstram o delinear da memória coletiva, a partir das considerações do que é verdadeiro/falso e do que é pensável/impensável nos movimentos de verificação. O arquivo se sustenta sob um conjunto de relações e de regularidades próprias do discurso, “[...] como uma espécie de grande prática dos discursos, prática que tem suas regras, suas condições, seu funcionamento.” (FOUCAULT, 2014a, p. 52 apud AQUINO, 2018, p. 6).

Por arquivo, entendo o conjunto de discursos efetivamente pronunciados: e esse conjunto é considerado não somente como um conjunto de acontecimentos que teriam ocorrido uma vez por todas e que permaneceram em suspenso, nos limbos ou no purgatório da história, mas também como um conjunto que continua a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos. (FOUCAULT, 2008b, p. 145 apud AQUINO, 2018, p. 6).

“O pesquisador passa a operar, então, como um ‘remontador de tempos perdidos’ [...]” (Didi-Huberman, 2013, p. 245 apud AQUINO, 2018, p. 7), tempos estes que se estendem por intermédio de seus discursos até a contemporaneidade que conhecemos. AQUINO (2018, p. 7) afirma também que

O trabalho arquivístico, nessas bases, implica uma investida arqueológica sob um olhar genealógico, capaz de abrigar “os lugares de confronto a partir dos quais o nosso presente foi urdido” (apud LEME, 2011, p. 99).

Este movimento só é capaz de evidenciar as discontinuidades e regularidades, que no recorte histórico analisado passava-se como naturalizado, a partir da análise de múltiplas e heterogêneas fontes. “Trata-se, enfim, de flagrar a arbitrariedade das certezas em voga, sempre tendo em mente que o ‘arquivo não diz a verdade, mas ele diz da verdade’ (Farge, 2009, p. 35 apud AQUINO, 2018, p. 7).”.

Acerca dessa “envergadura analítica”, Aquino (2018) coloca que Foucault, ao percorrer os livros e documentos das bibliotecas que frequentava por horas e horas seguidas, recolhia excertos e construía os rascunhos que, posteriormente, davam origem à suas aulas e livros. “Era nos arquivos, no meio de maços de papéis, no fundo das

bibliotecas que Foucault tinha feito a experiência de seu próprio pensamento”. (ARTIÈRES, 2014, p.137 apud AQUINO, 2018, p. 8).

Além disso, Aquino (2018) traz uma passagem muito interessante de Machado (2017) que conhecendo o procedimento arquivístico de Foucault, afirma:

[Foucault] Era homem de passar o dia inteiro na Bibliothèque Nationale lendo textos que ninguém mais lia. Manuseava, às vezes, dez, vinte livros por dia, ou até mais. Certa vez me disse: “Quase não leio. Ler pelo prazer de ler, quase não faço mais isso. Na Nationale eu não leio; eu procuro. (MACHADO (2017, p. 65 apud AQUINO, 2018, p. 8).

Dessa forma,

Escarafunchar os arquivos, suas fulgurações, seus acidentes, seus pontos de virada: eis a gana de Foucault. Apenas um gesto, por meio do qual se faz possível concentrar-se em “pequenos fatos verdadeiros contra as grandes ideias vagas; a poeira desafiando a nuvem”. (FOUCAULT, 2006a, p. 324). (AQUINO, 2018, p. 8).

Aquino (2018) coloca que o manuseio dos documentos – quando se propõe uma pesquisa fundamentada na ideia de arquivo – deve ser pensado a partir de uma organização voltada para a acontecimentalização.

O primeiro sentido de acontecimentalizar é fazer surgir uma singularidade onde se imaginava existir uma constância histórica. Para isso importa reencontrar as conexões, jogos de força, bloqueios, que num dado momento formaram o que se tornará uma universalidade, uma necessidade, construindo uma “multiplicação causal”, que consiste numa análise do acontecimento segundo os processos múltiplos que os constituem. (FOUCAULT, 1980/2003c, p. 339 apud NETO, 2015, p. 416).

Pode-se dizer que a análise dos discursos implica na descrição dos textos, na busca pelas condições práticas que possibilitaram sua existência e seu desdobramento, e, por fim, na “[...] análise propriamente do arquivo, de modo que se possa operar uma história das práticas discursivas a partir das relações específicas articuladas a outras práticas.” (AQUINO, 2018, p. 7).

Procedendo dessa maneira, vislumbra-se o arquivo na esteira de uma recomposição infinita. Por um lado, ele é “[...] a massa das coisas ditas em uma cultura, conservadas, valorizadas, reutilizadas, repetidas e transformadas. Em resumo, toda essa massa verbal que foi fabricada pelos homens.” (Foucault, 2014a, p. 52). Por outro, ele também é a apropriação possível de tal matéria nas coordenadas do presente histórico, já que atravessada por uma problematização que define a composição de um corpus próprio correspondente a indagações específicas dirigidas a tal massa verbal. Um mesmo arquivo possibilita, portanto, várias configurações, a depender

dos problemas e das grades de leitura do pesquisador que o toma. (AQUINO, 2018, p. 7).

A análise dos documentos é compreendida como um processo, no qual uma problematização fundada no presente busca elementos no passado. Dessa forma, compreende-se a história como “[...] um âmbito de rupturas e descontinuidades, no rastro do qual se poderia estimar a emergência de tais problemas como uma irrupção [...]” (AQUINO, 2018, p. 9). O debruçar-se sobre documentos que marcam outra época que não a nossa é extremamente importante, pois “[...] apenas por meio de certa suspensão temporal torna-se viável conjecturar as sombras e os contornos que a intensidade luminosa do presente se esforça para obstaculizar.” (AQUINO, 2018, p. 9).

O processo inicia-se com o manuseio de um amplo conjunto de documentos e, em seguida de classificações dos enunciados, a fim de que seja possível isolar peças-chave e elementos adjacentes com vistas à proposição de um mapa dos discursos que foram possíveis em uma dada época e em um local específico. A mirada do pesquisador passa a funcionar, então, como uma bússola que permite destacar alguns pontos cegos enunciativos, traçar relações entre eles, delinear um leitmotiv analítico – o qual, na maior parte das vezes, diferencia-se da temática investigativa inicial, quando considerada de modo isolado ou autônomo. Ou melhor, no confronto com o arquivo, a tematização prolifera-se, desvia-se, miscigena-se. (AQUINO, 2018, p. 9).

Sendo assim, diante de tantas compreensões trazidas para formar esse entrecruzar de possibilidades, muitos caminhos podem ser seguidos. Relembro o trecho do primeiro parágrafo que compõe esse entrecruzar de possibilidades, quando digo que “[...] o método de pesquisa é o encontro do anseio da problematização com a ruptura.” (p. 41). Faço o movimento de regressar a esse trecho para situar a escolha de pensar o arquivo a partir de uma inspiração arqueogenealógica – como revela o título desse capítulo – pois compreendo esse engendrar característico da perspectiva Foucaultiana, como o que possibilitará o “encontro” entre o anseio dessa pesquisa – de compreender de que modo se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.) – com a ruptura – a qual ainda é abstrata a nosso conhecimento.

O anseio dessa pesquisa é marcado pelo encontro dos arquivos “A Hermenêutica do Sujeito” de Michel Foucault e o “Da Agricultura” de Marco Pórcio Catão, e a relação de ambos os arquivos apontados é o que compõe a singularidade dessa pesquisa, pois olhar para os mesmos isoladamente me levaria a outros lugares pensamento e de problematização, sendo assim, “A Hermenêutica do Sujeito” de Michel Foucault e o “Da Agricultura” de Marco Pórcio Catão constituem o campo empírico dessa pesquisa,

de modo que se realizarão as análises discursivas buscando nos escritos as fulgurações, as rupturas, as estruturações a cerca da problemática investigada.

As Tecnologias do Eu<sup>14</sup> são adotadas como as ferramentas analíticas pela quais se realizarão as análises discursivas, de modo que é a partir de tal lente teórica que olharemos para os excertos, para as prescrições e para a maneira como o sujeito é produzido no interior de tais discursos.

O caminho metodológico pensado previamente estrutura-se a partir da leitura da obra “A hermenêutica do Sujeito” de Michel Foucault, dedicando atenção aos termos “sujeito do campo”, “camponês” e “agricultura”; aos conceitos de “constituição dos sujeitos” e “Tecnologias do Eu”; e aos autores citados por Foucault, que fazem menção a algum dos termos ou conceitos apontados anteriormente; depois da leitura da obra “Da Agricultura” de Marco Pórcio Catão, juntamente com o fichamento da obra, destacando os excertos que demonstrem as práticas de si, os rituais e as compreensões de sujeito na sua relação com a natureza/com o campo, no período histórico em que a obra está inserida; posteriormente será realizado o estudo aprofundado dos conceitos entendidos como pertinentes para o aprofundamento teórico/metodológico da pesquisa; compreende-se necessário que neste momento se faça uma caracterização do cenário sobre o qual se aborda a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.) descrita por Catão; em seguida busca-se entender como Catão associa a constituição dos sujeitos à *AGRI CVLTVRA*; e, por fim, será feita a relação dos conceitos estudados, a fim de se construir um panorama geral sobre o modo que se constitui o sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.).


Subsidiada por tais perspectivas, no capítulo a seguir, denominado “A problematização Defronte ao Arquivo: Interpretações acerca da Constituição do Sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA*”, me lanço no manuseio dos arquivos.

---

<sup>14</sup> Conceito apresentado no capítulo 3.1 da pesquisa: “Tecnologias do Eu – Uma Lente Teórica Como Aporte Metodológico”, páginas 32-36.



Tabela 5 – Síntese Esquemática do Capítulo IV

	<b>OBRA DE REPRESENTAÇÃO</b>
	<i>Foucault entre arquivos.</i>
	Obra de Jullia Trevisan (2020).
	<b>ARQUIVOS</b>
	<i>A Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault.</i>
	<i>Da Agricultura de Marco Pórcio Catão.</i>
	<b>FERRAMENTA ANALÍTICA</b>
	<i>Tecnologias do Eu.</i>
	<b>CAMINHO METODOLÓGICO</b>
	<i>Leitura e fichamento dos arquivos;</i>
	<i>Aprofundamento de conceitos;</i>
	<i>Caracterização e análise do “Da Agricultura”; e</i>
	<i>Relação entre os conceitos e os elementos encontrados nos arquivos.</i>

Fonte: A autora, 2020.



## 5 A PROBLEMATIZAÇÃO DEFRENTE AO ARQUIVO: INTERPRETAÇÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO/DO CAMPO QUE SE RELACIONA COM A *AGRI CVLTVRA*

Partindo da problemática que atravessa essa pesquisa, a qual se refere ao modo como se constitui o sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C), a obra de arte criada para representar esse capítulo – “O agricultor”<sup>15</sup> – esboça os traços, as linhas do discurso que se chocam com o sujeito e que delineiam sua subjetividade.

Além disso, compreendo que é por intermédio da escolha das palavras, que vão dando forma às frases e aos parágrafos do texto, que se proporciona a conexão mais próxima entre o eu escritora e o sujeito que se dedica a leitura dos meus textos, por isso, me empenho à escolha das palavras que de alguma forma ecoam os meus pensamentos. O mesmo acontece com a escolha dos conceitos que irão compor a pesquisa, e com a maneira como os mesmos serão dispostos ao longo da escrita.

Nesse sentido, lanço-me no desafio de colocar diante dos arquivos a problematização primeira, dedicando atenção a duas questões linguísticas que marcam a singularidade dessa pesquisa e que carregam consigo significações muito importantes, de modo que a compreensão das mesmas aproxima a leitora ou o leitor do caminho que se percorre nas análises que se propõem a seguir.

A primeira questão é acerca das palavras em Latim *Agri Cvltvra*, que na tradução para a Língua Portuguesa significam “*agricultura*” e que são apresentadas no decorrer dessa pesquisa sob a configuração *AGRI CVLTVRA*. Emprega-se esse termo a pesquisa para fazer menção especificamente à agricultura que marca o período arcaico, que se desenvolveu nos séculos I e II a.C. e que é o cenário no qual se passa um dos principais arquivos que compõem o material empírico dessa pesquisa, cujo título original na língua latina é “*De Agri Cvltvra*”<sup>16</sup>, surgindo daí a inspiração de destacar tal termo.

“O *De Agri cultura* teria sido escrito por volta de 160 a.C., e o prefácio antes do texto [...]”. (El Bouzidi, 2000, p. 29-30 apud Catão, 2016, p. 30). Dessa forma, destacar as palavras latinas *Agri Cvltvra* que perpassam os escritos de Catão, foi uma escolha

<sup>15</sup> Obra de arte pintada a mão livre, por Jullia Trevisan (2020).

<sup>16</sup> Obra de Marco Pórcio Catão traduzida sob o título de “Da Agricultura”.

feita visando manter presentes os traços característicos da cultura e da história de que advém o arquivo, e que passíveis de problematização e de pensamento, marcam a existência dessa pesquisa.

A originalidade do arquivo “*De Agri Cvltvra*” de Catão é evidenciada por Matheus Trevisam<sup>17</sup>, na apresentação da versão traduzida da obra, quando o mesmo coloca que “Um aspecto de grande importância para a correta apreciação do legado autoral de Catão Censor diz respeito a entender o conjunto de sua obra [...] como algo vinculado ao ‘ineditismo’ nas Letras latinas.”.

[... Catão] foi, virtualmente, o fundador da prosa literária romana. E suas realizações não são diminuídas pelo reconhecimento de que, como todos os que produzem contribuições originais, não trabalhava no vazio e seus escritos eram relacionados e derivados do que outros fizeram. Outros romanos tinham escrito obras históricas em prosa, mas em grego, não em latim. Outros tinham criado obras literárias em latim, mas em verso, não em prosa. Outros romanos podem ter anotado informações práticas e compilado ‘livros’ para uso particular, mas Catão foi o primeiro a preparar tais livros com vistas à circulação, a seu uso por um ‘público’. (ASTIN, 1978, p. 182 apud. CATÃO, 2016, p. 26).

Mais adiante dedicarei atenção especificamente ao que se coloca na citação acima, sobre a relação do público com os arquivos de Catão, porém, nesse momento meu olhar está direcionado para as duas questões linguísticas que marcam a singularidade dessa pesquisa. A primeira, como já vinha falando, se refere à utilização do termo *AGRI CVLTVRA* para fazer menção à agricultura do período arcaico no decorrer do texto, de modo que sua inspiração está associada à língua original dos escritos de Catão, sendo esta a língua latina (Latim). A segunda questão linguística que marca essa pesquisa surge com a delimitação da problemática que se propõe a pensar a constituição do sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA*, a partir do binômio ***no/do campo***.

Como expressei no início desse capítulo, considero importante cada detalhe que compõe a pesquisa, sendo um deles a busca pelas palavras que melhor traduzem meus pensamentos aos leitores e às leitoras. Dessa forma, me coloquei a pensar a constituição do sujeito a partir do binômio ***no/do campo*** tendo como inspiração os arquivos da Educação do Campo, nos quais são atribuídos significados muito particulares a essa configuração.

---

<sup>17</sup> CATÃO, Marco Pórcio. Da agricultura / Marco Pórcio Catão; tradução, apresentação e notas: Matheus Trevisam. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

Caldart (2009) coloca que “A Educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive *no/do campo*<sup>18</sup>.” (p. 5).

Segundo a autora, pensar a educação *no/do campo* está associado às críticas de enfrentamento entorno das questões políticas, sociais, econômicas e ideológicas da vida e da educação dos sujeitos que vivem *no* e *do campo*, de modo que *no* faz referência ao fato de que “[...] o povo tem direito a ser educação no lugar onde vive” (CALDART, 2002, p. 18) e *do* afirma que “[...] o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.” (CALDART, 2002, p. 18).

*“A Educação do campo surgiu em um determinado momento e contexto histórico e não pode ser compreendida em si mesma, ou apenas desde o mundo da educação ou desde os parâmetros teóricos da pedagogia. Ela é um movimento real de combate ao ‘atual estado de coisas’: movimento prático, de objetivos ou fins práticos, de ferramentas práticas, que expressa e produz concepções teóricas, críticas a determinadas visões de educação, de política de educação, de projetos de campo e de país, mas que são interpretações da realidade construídas em vista de orientar ações/lutas concretas<sup>19</sup>.”* (CALDART, 2009, p. 6).

Essa citação demonstra que pensar a Educação *do* campo implica na constituição de concepções e de práticas, para além de uma configuração linguística ocasional, de forma que tais concepções e práticas se exercem sobre os sujeitos, nos diversos âmbitos pelos quais perpassa, como o político, o social, o econômico, entre outros.

Ferraz (2014) coloca que as práticas de subjetivação se exercem sobre o sujeito por intermédio do corpo.

---

<sup>18</sup> Grifo meu.

<sup>19</sup> Grifos meus.

O corpo pode ser pensado como o lugar onde se inscrevem os efeitos de diferentes práticas, incluindo-se aqui as práticas em educação produzidas por meio de currículos, indicações, **prescrições e modos de constituição de sujeitos**<sup>20</sup> em educação. (FERRAZ, 2014, p. 73).

No movimento de olhar para o binômio *no/do campo* defronte ao arquivo de Michel Foucault “A hermenêutica do sujeito”, percebem-se outros sentidos que são associados ao *no/do campo*, a partir das discussões que se discorrem acerca do cuidado de si.

O cuidado de si é apresentado por Foucault ao longo da análise dos arquivos. Uma “investida precisamente arqueogenalógica”, é como Aquino (2018) se refere à maneira como Foucault se dedicava às problemáticas que lhe atravessavam, de modo que seu foco de experiência se detinha ao dito/visto.

Como bem explicita o pensador, ‘por meio do pequeno gesto que consiste em deslocar o olhar, ele torna visível o que é visível, faz aparecer o que está tão próximo, tão intimamente ligado a nós que, por isso mesmo, não o vemos’ (FOUCAULT, 2011a, p. 246). (AQUINO, 2018, p. 7)

Nesse sentido,

[...] estudar a constituição do sujeito como objeto para si mesmo: a formação de procedimentos pelos quais o sujeito é induzido a observar-se a si mesmo, analisar-se, decifrar-se, reconhecer-se como um domínio de saber possível. Trata-se, em suma, da história da "subjetividade", se entendemos essa palavra como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo. (FOUCAULT, 1984, pp. 297-298 apud LARROSA, 1994, p.18).

Para a compreensão do olhar posto sobre a constituição do sujeito a partir do binômio *no/do campo* nessa pesquisa, é necessário que se tenham em mente algumas questões acerca do cuidado de si e da prática de si pelas quais Foucault se dedica.

É preciso desviar-se para virar-se em direção a si. É preciso, durante toda a vida, voltar a atenção, os olhos, o espírito, o ser por inteiro enfim, na direção de nós mesmos. Trata-se da grande imagem da volta para si mesmo [...] (FOUCAULT, 2006, p.186).

Esses movimentos descrevem o cuidado de si por si mesmo, ou seja, são imagens da autofinalização. A partir dos arquivos de Sêneca, Foucault (2006) destaca a expressão [*se*] *convertere ad se* (converter-se a si) como uma noção que se aproxima das práticas do cuidado de si.

---

<sup>20</sup> Grifo meu.

*“Converter-se a si, ainda uma vez, significa: fazer a volta em direção a si mesmo. Contudo [...] parece-me que, de fato, através de todas estas imagens, não lidamos com uma estrita noção, uma noção "construída" da conversão. Trata-se, antes, de uma espécie de esquema prático que, de resto, tem sua construção rigorosa, mas que não teria dado lugar a alguma coisa como o “conceito” ou a noção de conversão. Em todo caso, se hoje gostaria de me deter um pouco nesta noção de conversão, de retorno a si, de volta para si mesmo, é evidentemente porque, **dentre as tecnologias do eu que o Ocidente conheceu, esta certamente é uma das mais importantes.**” (FOUCAULT, 2006, p. 187).*

Segundo Foucault (2006), a noção de conversão que se encontra na cultura de si helenística e romana atua como uma Tecnologia do Eu, muito fortemente no cristianismo, no interior das práticas filosóficas, na ordem da moral e, também, “[...] não se pode esquecer que ela introduziu-se de maneira espetacular, dramática até, no pensamento, na prática, na experiência, na vida política, a partir do século XIX.” (FOUCAULT, 2006, p.187).

Larrosa (1994) afirma que para se descrever uma história das Tecnologias do Eu, de modo a expor inteligivelmente as relações entre “governo”, “autogoverno” e “subjetividade”, é preciso se deter na análise do

[...] governo de si por si mesmo (*de soi par soi*) em sua articulação com as relações com os outros (*rappports à autrui*) tal como se encontram na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na **prescrição de modelos de vida**<sup>21</sup>, etc. (FOUCAULT, 1989b, p.136 apud LARROSA, 1994, p. 17).

Converter-se a si (*se convertere ad se*) consiste elementarmente no exercício, na prática (*áskesís*). “São relações de si para consigo, que podem ter a forma de atos.” (FOUCAULT, 2006, p. 192).

---

<sup>21</sup> Grifo meu.

A conversão é um processo longo e contínuo que, melhor do que de trans-subjetivação, eu chamaria de auto-subjetivação. Fixando-se a si mesmo como objetivo, como estabelecer uma relação adequada e plena de si para consigo? É isto o que está em jogo na conversão. (FOUCAULT, 2006, p.193).

Quando Foucault (2006) analisa as práticas de conversão a si, encontram-se prescrições que medeiam especificamente a relação do sujeito com a natureza ou com o campo, demonstrando, assim, outras significações que podem ser associadas ao binômio *no/do campo*. Tais prescrições serão utilizadas para pensarmos a constituição do sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA*, mais especificamente, meu olhar será posto sobre duas passagens citadas por Foucault no arquivo “A hermenêutica do sujeito”.

A primeira diz o seguinte:

*“É preciso que o sujeito inteiro se volte para si mesmo e consagre a si mesmo: eph’heautòn epistréphein, eis heàton anakhroseîn, ad se recurrere, ad se redire, in se recedere, se reducere in tutum (retornar a si, voltar a si, fazer o retorno sobre si, etc.)” (FOUCAULT, 2006, p. 221).*

A expressão “*eis heàton anakhroseîn*” é traduzida na citação de Foucault (2010) a um trecho de Marco Aurélio, na qual se coloca que:

*“Buscamos retiros (anakhoréseis) no campo, à beira-mar, na montanha; e tu também tens costume de desejar este tipo de coisas no mais alto grau. Mas tudo isto indica uma grande simplicidade de espírito, pois, na hora que quisermos, podemos nos retirar em nós mesmos (eis heautàn anakhoreín)”. (MARC AURELE, PENSÉES, N, 3, ed. citada, p. 27 apud FOUCAULT, 2006, p. 238).*

A segunda referência de Foucault às práticas de si que desenvolvem *no campo* é feita a partir da carta de Marco Aurélio à Frontão, diálogo este que incitou o interesse



primeiro em pesquisar o tema da agricultura em associação à constituição do sujeito, ainda quando se pensava sobre as possibilidades de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso.

O diálogo citado consiste na descrição de Marco Aurélio sobre os afazeres do seu dia a Frontão, com quem mantém uma relação afetiva. “[...] um relato de si através do relato do dia.” (FOUCAULT, 2006, p. 144). Do qual, destaco a seguinte passagem:

*"Estamos passando bem. Dormi pouco por causa de uma pequena agitação que, entretanto' parece ter-se acalmado. Assim, das onze horas da noite até as três da manhã, passei parte do tempo lendo a **Agricultura de Catão** e parte também escrevendo; menos que ontem, felizmente. Depois, cumprimentei meu pai, engoli água adocicada até a goela e a lancei fora em seguida, de modo que mais adocei a garganta do que realmente gargarejei; pois, sob a autoridade de Novius e outros, posso empregar a palavra 'gargarejei'. Tendo restaurado a garganta, dirigi-me para junto de meu pai. Assisti a sua oferenda e depois fomos comer. Com o que pensas que fiz meu desjejum? Com um pouco de pão, enquanto via os outros devorando ostras, cebolas e sardinhas bem gordas. Depois, fomos colher uvas; suamos bastante, gritamos bastante. [...]" (CASSAN. A, 1830, pp. 249-51 apud FOUCAULT, 2006, p. 143).*

Sobre esse arquivo, Foucault (2006) elucida que as práticas desenvolvidas e descritas por Marco Aurélio são características da vida de um agricultor, de modo que a vida dita como a de um agricultor por Marco Aurélio sofre influências de dois modelos. Um deles é o modelo descrito por Catão, no arquivo “De agricultura”, e que aparece citado na carta. O outro é o “[...] *Econômico* de Xenofonte<sup>[22]</sup>, que narra o que devia

<sup>22</sup> Xénophon, Économique, trad. Fr. R. Goujard, Paris, Les Belles Lettres, 1975.

ser, nos séculos V-IV; a vida de um senhor camponês na Ática.” (FOUCAULT, 2006, p. 145) e que se faz presente indiretamente.<sup>23</sup>

Outra questão colocada por Foucault (2006) que é extremamente importante para situar a constituição do sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTURA*, a partir do diálogo citado, é que Marco Aurélio não é agricultor, nem filho de agricultores e sua vida pressupõe a posição de Imperador, não a posição de um senhor agricultor.

*“[...] a vida agrícola, uma espécie de estágio na vida agrícola, constituía, não exatamente um descanso, mas um momento de se posicionar na existência a fim de ter, precisamente, uma espécie de referência na vida de todos os dias, referência político-ética. Com efeito, nesta vida camponesa, se está mais próximo das necessidades elementares e fundamentais da existência; mais próximo também daquela vida arcaica, antiga, dos séculos passados, que nos deve servir de modelo. Nesta vida tem-se ainda a possibilidade de praticar uma espécie de otium<sup>24</sup> cultivado. Isto significa [igualmente] que são feitos exercícios físicos: vemos que ele pratica a vindima; a vindima, aliás, lhe permite suar e gritar bastante, exercícios que fazem parte do regime. Ele leva pois esta vida de otium, que tem elementos físicos e que lhe deixa tempo suficiente para também ler e escrever. Portanto, se quisermos, o estágio camponês é uma espécie de reativação do velho modelo de Xenofonte ou do velho modelo de Catão: modelo social, ético e político, agora retomado, mas a título de exercício. Uma espécie de retiro feito com os outros, mas para si mesmo e para melhor se formar, para progredir neste trabalho feito sobre si, para atingir a si mesmo.” (FOUCAULT, 2006, p. 145-146).*

<sup>23</sup> Embora a correspondência de Marco Aurélio à Frontão cite dois modelos acerca da vida de agricultor, a escolha de olhar exclusivamente para o “De agricultura” se justifica pelo acesso à tradução do arquivo na íntegra e por compreender que tais escritos são potentes de muitas problematizações.

<sup>24</sup> Lazer.

Chegamos, então, no encontro de maior expressão entre a *AGRI CVLTVRA* e o cuidado de si, a partir dos arquivos que compõem o material empírico da pesquisa, “A hermenêutica do sujeito” de Foucault e o “Da agricultura” de Catão.

No início desse capítulo – especificamente quando abordo sobre a inspiração de utilizar o termo *AGRI CVLTVRA* para fazer menção à agricultura arcaica – cito um trecho que associa a originalidade do “Da agricultura” ao seu caráter de vinculação com o público, volto a essa questão para passar a discutir as condições de possibilidade que apresentam o arquivo em questão, acerca da constituição dos sujeitos na sua relação com a *AGRI CVLTVRA*.

*“O exame, então, da estrutura em larga escala do De agricultura releva ao leitor que se trata não de um verdadeiro compêndio sobre os assuntos da ruralidade, mas antes de **um manual para uso prático de efetivos cultivadores.**” (CATÃO, 2016, p. 34).*

O arquivo se caracteriza por apresentar as recomendações de maneira objetiva, e “[...] reparte-se entre rica gama de interesses possíveis – direito, agricultura, ciências militares, história, moral, medicina [...]”. (p. 29).

Larrosa (1994) elucida que olhar para a experiência de si como uma estruturação mediada pelas práticas pedagógicas exige uma atenção destinada aos dispositivos pedagógicos, os quais são característicos por sua complexidade, sua variabilidade e contingência. Por essa perspectiva, torna-se notório que os mecanismos “[...] nos quais [se] aprende (ou transforma) determinadas maneiras de observar-se, julgar-se, narrar-se ou dominar-se” (Larrosa, 1994, p. 20), são o contrário de neutro e não problemático.

Um dispositivo pedagógico será, então, qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Por exemplo, uma prática pedagógica de educação moral, uma assembléia em um colégio, uma sessão de um grupo de terapia, o que ocorre em um confessionário, em um grupo político, ou em uma comunidade religiosa, sempre que esteja orientado à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas. Tomar os dispositivos pedagógicos como constitutivos da subjetividade é adotar um ponto de vista pragmático sobre a experiência de si. Reconhecer a

contingência e historicidade desses mesmos dispositivos é adotar um ponto de vista genealógico. (LARROSA, 1994, p. 20).

Olhando, então, em direção aos valores morais que delineiam os escritos de Catão, bem como a vida camponesa nesse modelo, compreende-se que os mesmos têm como inspiração a restrita cultura *mos maiorum*.

*[...] o legado catoniano nos vincula a algumas das mais tradicionais matrizes de pensamento dos antigos romanos: referimo-nos, com isso, ao chamado **mos maiorum** e aos notórios elos do escritor aqui focalizado com o mesmo ideário pátrio latino. Na verdade, correspondendo a velha sociedade de Roma antiga a um grupo humano em geral refratário a excessivas inovações em todos os âmbitos do pensamento e das atitudes, seus integrantes permaneceram, por séculos, bastante aferrados a um conjunto de preceitos e 'normas' de conduta caracteristicamente associáveis aos costumes dos antigos, ou ancestrais (*maiorum populi Romani*). (CATÃO, 2016, p. 13).*

As ideias de revolução social e de desordem eram denominadas pelo povo tradicionalista de Roma como *res nouae* (*novas coisas*), para as quais se associavam um tom pejorativo, de modo que “[...] tudo o que ameaçasse o *status quo* só pudesse dizer respeito a algo pernicioso, nocivo, degradado...” (CATÃO, 2016, p. 16).

[...] Os romanos tinham consciência de que sua própria cultura era, pelos padrões do mundo helenístico, era um tanto restrita. Ao mesmo tempo, eram capazes de contrastar a firmeza de sua própria sociedade e sua preeminência bélica com a confusão política e a fraqueza militar das nações helenísticas que tinham conquistado. Uma consequência importante de sua ambivalência na própria relação com o mundo helenístico foi que ela os encorajou a tornarem virtudes as características mesmas responsáveis por que parecessem atrasados segundo os padrões helenísticos. Vieram a considerar o refinamento e o luxo que eram tão impressionantes no leste como, ao mesmo tempo, sintomas e causas de sua fraqueza, afeminação e degeneração. Pelo contrário, ao dominarem o mundo, os romanos sentiam que tinham provado sua superioridade em qualidades importantes. Eles atribuíam essas qualidades

à própria simplicidade e resistência do modo de vida de seus ancestrais. (MILES, 1980, p. 7 apud CATÃO, 2016, p. 17).

Além disso, encontram-se traços da cultura *mos maiorum* na *AGRI CVLTVRA* descrita por Catão, sob a forma de princípios, como o de que “[...] um homem bom a quem elogiavam, elogiavam assim: “um bom agricultor e um bom fazendeiro”. Julgava-se que quem era elogiado assim era enormemente elogiado.” (CATÃO, 2016, p. 49).

Ou que

[...] dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor. (CATÃO, 2016, p. 49).

Compreendo ser importante trazer também algumas das recomendações descritas no “Da agricultura” de Catão – acerca das práticas, dos rituais, dos fenômenos, entre outras questões que aborda – a título de contextualização e para dar indícios de outras questões que possam se originar com as discussões realizadas nessa pesquisa.

Sobre práticas e saberes

*“Cuida de começar a podar cedo as videiras e as árvores. Põe as videiras em mergulhia<sup>25</sup> nos sulcos; o quanto puderes, busca impelir as videiras para cima. Devem-se podar as árvores assim: que se apartem os ramos que deixares, sejam cortados em linhas retas e não concentrados em demasia [...]” (CATÃO, 2016, p.83).*

*“Vineas arboresque mature face incipias putare. Vites propages in sulcos; susum uorsum, quod eius facere poteris, utis facito uti ducas. Arbores hoc modo putentur, rami uti diuaricentur, quos relinques, et uti rect caedantur et ne nimium crebi relinquantur.” (CATÃO, 2016, p.82).*

<sup>25</sup> “Mergulhia: trata-se de uma técnica de propagação de videiras por brotamento, que se faz rebaixando ramos da planta ao solo (sem cortar) e enterrando-os em parte. Quando a parte enterrada produziu raízes, é separada da planta-mãe e torna-se uma nova videira.” (CATÃO, 2016, p.166).

*“Começa a podar o olival quinze dias antes do equinócio de primavera.” (CATÃO, 2016, p.93).*

*“Oliuetum diebus XV ante aequinoctium uernum incipito putare.” (CATÃO, 2016, p.92).*

*“Aduba as pastagens no início da primavera, durante a lua nova.” (CATÃO, 2016, p.97).*

*“Prata primo uere stercoato luna silenti.” (CATÃO, 2016, p.96).*

*“Que é cultivar bem um campo? Arar bem. O que, em segundo lugar? Arar. O que, em terceiro? Adubar.” (CATÃO, 2016, p. 101).*

*“Quid est agrum bene colere? Bene arare. Quid secundum? Arare. Quid tertium? Stercorare.” (CATÃO, 2016, p. 100).*

#### Acerca dos rituais e crenças

*“Se cair um raio na sede, devem-se fazer orações.” (CATÃO, 2016, p.67).*

*“Si de caelo uilla tacta siet, de ea re uerba uti fiant.” (CATÃO, 2016, p.66).*

*“Faze a oferenda pela saúde dos bois assim: oferece a Marte Silvano[ ], em um bosque e durante o dia, três libras de espelta [trigo-vermelho], quatro e meia de toucinho, quatro e meia de carne e três sextários de vinho por boi; junte-se isso tudo em um só vaso e o vinho em outro vaso se junte. Será permitido que um escravo ou homem livre faça a oferenda. Quando o culto for concluído, que se consumam logo e no mesmo local. Que uma mulher não presencie esse culto nem veja como acontece. [...]”(CATÃO, 2016, p. 111).*

*“Votum pro bubus, uti ualeant, sic facito. Marti Silvano in silua interdius in capita singula boum outum facito. Farris L. III et lardi P. III S et pulpae P. III S, uini S.III, id in unum uas liceto coicere, et uinum item in unum uas liceto coicere, et uinum item in unum uas liceto coicere. Eam rem diuinam uel seruus uel liber licebit faciat. Vbi res diuinam facta erit, statim ibidem consumito. Mulier ad eam rem diuinam ne adsit neue uideat quo modo fiat [...]” (CATÃO, 2016, p. 110).*

*“Da couve de Pitágoras, seus benefícios e do bem que faz a saúde: [...] Se quiseres comê-las picadas, lavadas, secas e salpicadas com sal e vinagre, nada é mais saudável. Para comeres mais de bom grado, rega com vinagre melado; tu as comerás com um pouco mãos de bom grado lavadas, secas, salpicadas com arruda, coriandro picado e sal. Fará bem, não deixarás que nenhum mal se apodere do corpo e fará os intestinos funcionarem. Se já tiveres algum mal, curará totalmente a livrará a cabeça e os olhos de todos os*


*problemas, curando-os.” (CATÃO, 2016, pp.155-157).*

*“De brassica Pythagorea, quid in ea boni sit salubritatisque. [...] Et si uoles eam consectam lautam siccam sale aceto sparsam esse, salubrius nihil est. Quo libentius edis, aceto mulso spargito; lautam siccam et rutam coriandrum sectam sale sparsam paulo libentius edes. Id bene faciet et mali nihil sinet in corpore consistere et aluum bonam faciet. Siquid antea mali intus erit, omnia sana faciet, et de capite et de oculis omnia deducet et sanum faciet. (CATÃO, 2016, pp.155-157).*

Tais excertos demonstram a rusticidade dos escritos de Catão e reafirma o caráter de manual que originalmente o arquivo possui, de modo que ao longo de toda a obra são dispostas práticas, não necessariamente do sujeito consigo mesmo, mas em relação às demais pessoas, em relação aos animais, às plantas, às crenças, aos rituais, aos fenômenos naturais e até mesmo em relação às doenças que ocorriam.



Tabela 6 – Síntese Esquemática do Capítulo V

	<b>OBRA DE REPRESENTAÇÃO</b>
	<i>O Agricvltor.</i>
	Obra de Jullia Trevisan (2020).
	<b>PONTOS DE ANÁLISE</b>
	<ul style="list-style-type: none"><li>- <i>O termo AGRI CVLTVRA</i></li><li>- <i>Binômio no/do campo na Educação do Campo</i></li><li>- <i>Binômio no/do campo não cuidado de si</i></li><li>- <i>Prática (àskesís) de si no campo</i></li><li>- <i>O “De agri cvltvra” como modelo</i></li><li>- <i>Moral da cultura mos maiorum</i></li><li>- <i>Excertos do “De agri cvltvra” sobre saberes, práticas, rituais e crenças.</i></li></ul>

Fonte: A autora, 2020.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro entre os arquivos que compuseram o material empírico dessa pesquisa despertam algumas inquietações, alguns ecos acerca das Tecnologias do Eu que atravessam a constituição do sujeito no/do campo que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* do período arcaico (séc. I e II a.C.). Esse encontro é representado na tela de ilustração desse capítulo, intitulada “A *AGRI CVLTVRA* entre os arquivos”<sup>26</sup>.

A partir do binômio *no/do campo* apresentou-se a “Educação do Campo” como um movimento que produz concepções teóricas e práticas acerca das questões políticas, sociais, econômicas, entre outras, em relação aos sujeitos que vivem *no* e *do campo*.

Direcionar o olhar para o cuidado de si, em relação ao binômio *no/do campo*, possibilitou observar-se que o campo está direta e explicitamente ligado ao cuidado de si, por intermédio das práticas que se realizam no contato com o campo e com a natureza. Tais práticas (*àskesis*) constituem fundamentalmente essa Tecnologia do Eu pela qual o sujeito reconhece a si mesmo. Nesse sentido, em relação ao binômio *no/do campo*, o sujeito em questão não é necessariamente *do campo*, mas se desloca e exerce a prática (*àskesis*) de si mesmo *no campo*. Esse é, então, o primeiro eco que marca a pesquisa, pois a investida arqueogenalógica de Foucault sobre os arquivos revela que o cuidado de si é uma das mais expressivas Tecnologias do Eu que perpassaram a cultura ocidental.

O segundo momento em nos aproximamos de uma interpretação possível acerca da constituição do sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA*, se dá no encontro com a carta de Marco Aurélio à Frontão. Tal diálogo nos remete à prática de si e para si, que busca na vida agrícola uma referência ético-político.


O arquivo ao qual Marco Aurélio busca tais referências ético-políticas é o “Da Agricultura”. Obra escrita por Catão por volta de 160 a.C com vistas a servir como um manual de uso prático para o povo de Roma, e cuja moral que rege tal modelo obedece à cultura rústica *mos maiorum*. A moral inspirada na cultura *mos maiorum* aparece no “Da Agricultura” de Catão a partir dos preceitos como o de que os homens que se dedicam à agricultura são vigorosos, virtuosos e de honra, pois respeitam as tradições rústicas, dos antepassados.

---

<sup>26</sup> Obra de arte de Jullia Trevisan (2020).

Compreende-se, mediante as discussões, que o sujeito que se relaciona com a *AGRI CVLTVRA* arcaica (séc. I e II a.C.) é constituído no interior do discurso na medida em que sua subjetividade é atravessada pelas Tecnologias do Eu que visam o cuidado de si, a partir das práticas (*àskesis*) que se exercem no campo. Tais práticas têm Catão como modelo de agricultor, este que defende os valores morais e éticos da cultura *mos maiorum*, correspondente à sociedade de Roma antiga, em seus escritos e prescrições.

Tabela 7 – Síntese Esquemática das Considerações Finais

	<p><b>OBRA DE REPRESENTAÇÃO</b>  <i>A AGRI CVLTVRA entre os arquivos.</i>          Obra de Jullia Trevisan (2020).</p> <p><b>CONSIDERAÇÕES</b>  <i>Visualiza-se o caminho percorrido nessa trajetória como um movimento potente de novas problematizações, novos olhares, novas pesquisas e pensamentos, acerca do tema da agricultura, das teorizações da perspectiva pós-estruturalista e, também, a todos os sujeitos que se dedicaram a leitura desse arquivo.</i></p>
--	--

Fonte: A autora, 2020.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M. **Foucault, Nietzsche e a Interpretação**. In.: Foucault e a Destruição das Evidências / Márcio Mariguela (org.) – Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

AQUINO, J. G.; VAL, G. M. (2018). **Uma ideia de arquivo**: contributos para a pesquisa educacional. *Pedagogía y Saberes*, 49, 41-53.

BARCELLOS, S. B. **A formação do discurso da Agroecologia no MST**. / Sérgio Botton Barcelos, 2010.

CALDART, R. S. **Educação do Campo**: Notas Para Uma Análise de Percuro. In.: *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

\_\_\_\_\_. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: *Educação do Campo: identidade e políticas públicas* / Edgar Jorge Kolling, Paulo Ricardo Cerioli, osfs e Roseli Salette Caldart (organizadores). Brasília, F: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma educação do Campo, n.º 4.

CATÃO, M. P. **Da agricultura** / Marco Pórcio Catão; tradução, apresentação e notas: Matheus Trevisam. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

FERRAZ, V. **Corpo a dançar**: Entre Educação e Criação de Corpos / Vagner Ferraz, 2014. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS – BR, 2014.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito** / Michel Foucault: edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Malfazer, dizer verdadeiro**: função da confissão em júízo: curso em Louvain, 1981 / Michel Foucault: edição estabelecida por Fabienne Brion e Bernard E. Harcourt: tradução Ivone Benedetti. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018 - (Coleção obras de Michel Foucault).

GALLO, S. **Em busca da ordem intrínseca**. In.: Foucault e a Destruição das Evidências / Márcio Mariguela (org.) – Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

LARROSA, J. “**Tecnologias do eu e educação**”. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

MARIGUELA, M. **A Psicanálise na Arqueologia das Ciências Humanas**. In.: Foucault e a Destruição das Evidências / Márcio Mariguela (org.) – Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

MATZEMBACKER, C. A. **Movimento Neo – Rural em Rolante/RS**: novos atores, resgate e troca de saberes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2019.

MIRANDA, W. S. **FOUCAULT E A QUESTÃO DO SUJEITO**: as tecnologias do eu

e a criação de novas subjetividades. *Fenomenol. & psicol.*, São Luís, v. 2, n. 1, 2014. Acesso em: 19 mar. 2020.

MOREIRA, C. M. **Naturezas Fabricadas**: uma análise dos sentidos de natureza relacionados à categoria produto orgânico no contexto brasileiro contemporâneo. / Camila Midori Moreira. – Campinas, SP: 2015.

NETO, J. L. F. **Pesquisa e Metodologia em Michel Foucault**. Pontifícia Universidade Católica de Minas. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Jul-Set 2015, Vol. 31 n. 3, pp. 411-420.

OLIVEIRA, M. B. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação* v. 23, 2018.

PAULINO, J. S. **Modernidade e Ciência**: Tensões no discurso agroecológico. / Jonatta Sousa Paulino. – 2013.

PAZ, S. P. **Neo-Rurais Agroecológicos e Desenvolvimento Rural Sustentável em Santo Antônio da Patrulha/RS**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2017.

SANTOS, S. A. **Experiências Narradas no Ciberespaço**: um olhara para as formas de se pensar e ser professora que ensina matemática. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21385>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**: romance / José Saramago. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHMITT, A. L. **Agricultura Ecológica para quê (m)?**: Estudo de representações sociais sobre a natureza entre agricultores de base ecológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2015.

TREVISAN, J. S. **Pintura, tinta acrílica sobre tela**, 10 x 15 cm. 2020.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEYNE, P. **Foucault O pensamento a pessoa**. Coleção Pilares. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 1995.